

BIBLIOTECA DE CULTURA CATÓLICA

VOLUME 13

A FILOSOFIA DO COMUNISMO

P. AGNELO ROSSI



EDITORA VOZES LIMITADA

Petrópolis - Rio de Janeiro - São Paulo

A FILOSOFIA DO COMUNISMO

BIBLIOTECA DE CULTURA CATÓLICA

VOLUME XIII

**EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO**

P. AGNELO ROSSI

Vice-Diretor das Faculdades Campineiras

A Filosofia do Comunismo



1947

**EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO**

I M P R I M A - S E
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM JOSÉ PEREIRA
ALVES, ADMINISTRADOR APOSTÓ-
LICO DA DIOCESE DE PETRÓPOLIS.
FREI MATEUS HOEPERS, O. F. M.
PETRÓPOLIS, 14 DE ABRIL DE 1947.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PREFACIO

Pretendem estas notas de um breve curso de "Filosofia do Comunismo", ministrado no Centro de Cultura Intelectual de Campinas, fornecer as linhas mestras do marxismo, acompanhadas de uma rápida refutação.

Conquanto pululem, entre nós, os livros favoráveis ou contrários ao bolchevismo, dificilmente encontraremos neles uma exposição crítica, sistemática e sucinta, dos princípios fundamentais de Karl Marx, que constituem a base ideológica do comunismo.

Sem outra aspiração que vulgarizar esses conhecimentos basilares, procuramos beber em autores idôneos as ideias contidas neste despretensioso trabalho.

Na exposição do marxismo, preferimos seguir a estrada já traçada e batida pelos adeptos de Marx.

Omitimos outras considerações políticas, sociais, artísticas, pedagógicas, morais, religiosas etc... porque sobejamente ventiladas e debatidas em livros de valor apreciável.

Julgamos, entretanto, prestar um auxílio ao leitor estudioso, acrescentando ao livrinho três apêndices. O primeiro, bem relacionado com nosso tema, versa sobre a importância e o papel da Filosofia no comunismo. Outro tratará da Religião na Rússia Soviética, destinado a fornecer aos

que não compulsaram a leitura apropriada, e existe bastante até em nosso idioma, um apanhado sistemático do empolgante assunto. Finalmente, traçamos brevíssimo esboço da "Evolução do Comunismo no Brasil", porque a experiência nos mostrou que infelizmente pouquíssimos brasileiros conhecem a trama que há 25 anos vem sendo urdida diariamente contra a nacionalidade.

Oxalá nosso pequenino esforço contribua para esclarecer algumas pessoas bem intencionadas que aderem ao comunismo, sem conhecer a falsidade e as conseqüências nefastas da sua doutrina.

Padre Agnelo Rossi

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas.
8 de dezembro de 1946, festa da Imaculada Conceição.

INTRODUÇÃO

O marxismo pretende ser não sòmente uma filosofia da história com suas aplicações políticas, sociais e econômicas, mas também uma interpretação científica da realidade *total* do Universo.

Abarca diversos graus genéricos do conhecimento humano, ou ao menos, deveria atingi-los, não fosse o *preconceito materialista* que lhe impede superar as primeiras etapas do conhecimento intelectual. E seu principal erro consiste, precisamente, em interpretar à luz destas *primeiras* etapas a *integridade universal* e fazer deste *imenso* universo de *matéria e espírito*, em que se debate o homem, um *pequeno* mundo em que *só a matéria* tem a palavra.

Todo o mistério deste mundo fica reduzido a um problema científico, sem mais incógnitas que as resultantes da nossa ignorância atual. A história da humanidade é uma etapa da evolução universal e o espírito humano é uma superestrutura do conglomerado material.

A importância real ou o perigo do marxismo não está nas suas aplicações políticas, sociais, econômicas (que concretamente podem ter pontos de contacto com as aplicações de uma doutrina verdadeira), mas em ser uma pseudo-metafísica: em ser uma concepção materialista da realidade universal.

O erro da sociedade burguesa na reação con-

tra o comunismo consiste em que só se preocupa, com terror apocalíptico, das aplicações sociais, políticas e econômicas do marxismo. Materialista como é o burguesismo, não teme a ideologia do comunismo; teme seus atos. Repele do marxismo o que, em certos aspectos, é verdadeiro e descuida o que verdadeiramente é errôneo.

Enquanto não lese seus interesses, nem sempre legítimos, o burguês não se inquieta. Teme a revolução porque perigam sua vida e sua fortuna e não pelo significado da mesma revolução.

Contra o marxismo não se luta opondo interesses, mas opondo *verdades*. Rejeitemos o marxismo por ser errôneo, embora reconheçamos nele um imenso desejo de justiça: o bem e a dignidade das classes proletárias. Mas devemos reconhecer que este imenso desejo de justiça não pode encontrar nas realizações marxistas uma satisfação completa. Porque a verdadeira liberdade é a liberdade da verdade. Por isso, sem essa objetividade da verdade, o marxismo poderá realizar tão somente um ensaio, uma caricatura de elevação do proletariado, nunca, porém, dar-lhe uma solução duradoura.

Na propaganda de suas ideias, apega-se o marxismo a fatos sensíveis, imediatos, a programas mínimos de reivindicações, a aspectos sentimentais... e assim se explica a atração que o marxismo exerce sobre a juventude do mundo inteiro.

Mas, na verdade, o marxismo não resiste a uma crítica filosófica e é isto que procuramos mostrar.

CAPÍTULO I

PRECURSORES DO COMUNISMO NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Uma breve história do comunismo prestará bons conhecimentos ao estudo do comunismo e mostrará, através dos tempos, como surgiram as ideias socialistas em idealistas ou em espíritos turbulentos, em condições sociais e econômicas bem diversas das da Rússia.

I) *Na idade antiga e na idade média:*

1. *Licurgo*, célebre legislador espartano, dividiu a terra de sua Pátria em 9.000 lotes iguais e inalienáveis, fixou os direitos da assembleia popular, introduziu a educação comum, as refeições públicas e a instrução militar.

2. *Pitágoras*, o primeiro a orientar a filosofia para os problemas ético-religiosos, fundou uma sociedade sobre os princípios de fraternidade, igualdade e *comunidade* dos bens. Para os seus adeptos religiosos prescrevia a vida comum, com a prática do celibato, do silêncio, da abstinência e do exame de consciência.

3. Parece que *Platão* tinha diante dos olhos o exemplo de Licurgo e da ilha de Creta (1300 a. C.), quando propôs em "De Republica" o Estado ideal: com comunhão de bens, educação comum das crianças e refeições comuns.

Nos 10 livros sobre República, Platão determina "a priori" as melhores condições sociais para estabelecer, na terra, o perfeito domínio do Bem, com o máximo de ordem e de justiça. Chegou a estabelecer um sistema que denominaríamos *comunismo racional*, porque se baseia, não sobre o número e igualdade dos cidadãos, mas sobre as diversas capacidades de cada qual; e desta forma, embora aceitando as mesmas consequências do marxismo ou bolchevismo, distingue-se radicalmente pelo seu princípio. Por isso Platão reconhece três classes sociais: os *filósofos*, únicos capazes de desempenhar os empregos públicos, os *guerreiros*, incumbidos da defesa social, e os *operários*, encarregados da subsistência material. A única forma de governo capaz de proporcionar a felicidade é a aristocracia ou o governo dos filósofos e não a timocracia (governo dos guerreiros) nem a democracia (governo dos operários).

Platão reconheceu ser utópico o governo que propôs.

Já Aristóteles descrevia acuradamente estes sistemas todos, mostrando a sua inviabilidade.

4. Em Roma, no sec. II a. C., o tribuno Tibério Graco, abalado pela miséria que a classe pobre arrastava, procurou modificar a legislação agrária a fim de que ninguém mais pudesse enriquecer-se com detrimento dos outros e do Estado, verdadeiro senhor das terras por direito de conquista. Foi uma tentativa séria e enérgica para vedar a formação de latifúndios, que tanto concor-

riam para o empobrecimento da classe média da Itália.

Além destes, há outros fatos tendentes a nivelar, se possível, a fortuna dos cidadãos ou ao menos evitar extremos demasiado chocantes.

5. Enquanto todas as tentativas comunistas da antiguidade supunham a *escravidão* da maior parte da população, nas primeiras comunidades cristãs de Jerusalém surgia um novo tipo de vida econômico-social, que operou uma verdadeira revolução espiritual e econômica.

“Ao contrário das revoluções que os homens fazem com objetivos puramente humanos, o cristianismo foi *uma revolução que não veio destruir e sim edificar*. Por isso todo aquele senso de *so-ciedade* que encontramos na época de esplendor do mundo antigo, é o que voltamos a encontrar novamente no espírito cristão. Tudo o que existe de melhor no sentimento religioso do paganismo foi como que incorporado ao cristianismo”.

A religião de Cristo tem como traço essencial uma finalidade extra-terrena. Esta existência é a preparação para outra existência sem fim e sem alternativas. À luz desta concepção surge a “igualdade” da alma imortal — criada por Deus e remida por Cristo e dela decorre a “fraternidade”, pois todos somos filhos de Deus.

Dominando este espírito de fraternidade, quem quisesse poderia reter os seus bens (não se condenava o direito de propriedade), mas a maior parte dos cristãos vendia-os espontaneamente e confiava aos Apóstolos a soma obtida para o sus-

tento comum. Na pobreza voluntária, dedicavam-se totalmente ao serviço de Deus e do próximo.

Então as comunidades primitivas eram *comunistas*?

a) Falar de "comunismo evangélico" é interpretar, segundo ideias modernas, uma situação diferentíssima do nosso mundo contemporâneo.

b) Os bens dos cristãos são *dados* e não *tomados*, como no comunismo. A generosidade era livre e não objeto de preceito. Há amor e não temor. O espírito cristão é este: o que é meu é teu, ao passo que a mentalidade comunista é esta: o que é teu é meu.

c) Falta entre os cristãos a ideia de igualdade absoluta de posse, de repartição de salários e de produção. Cada qual tem *seus* talentos.

Embora existisse essa caridade, não bastou para resolver o problema da indigência na Igreja da Palestina. Então São Paulo promove, em favor dela, coletas nas igrejas da Grécia e da Macedônia. Essas diligências mostram em toda a cristandade primitiva um vivíssimo sentimento de mútuo auxílio social, ou melhor, de verdadeira fraternidade.

Mas Jesus Cristo foi comunista? Cristo nunca condenou o direito de propriedade. Insistindo sobre os perigos das riquezas, Ele admite que o homem rico, fiel à lei divina, possa entrar no reino dos céus. Se Cristo condenasse a propriedade particular, Ele não teria aconselhado o moço rico a *vender* o que possuía, nem aprovaria Zaquêu, dando metade dos *seus* bens. Longe de condenar, Ele

reclamou uma justa distribuição dos bens como obra de misericórdia e uma das condições para ganhar o céu.

E as comunidades religiosas não praticam o comunismo? Nelas existe a comunhão de bens, *espontânea*, dentro de uma fraternidade verdadeira, mas 1) permanece a *propriedade particular* (a congregação é que possui); 2) ninguém é forçado a ingressar na vida religiosa, mas por livre e espontânea vontade; 3) o religioso se desfaz dos seus bens e de sua administração por um ideal mais alto: consagrar-se ao serviço de Deus e do próximo.

Pode, portanto, a comunhão de bens vingar entre uma classe de escol, e por motivos mais altos, e não ser norma geral, obrigatória e permanente para todos. Não compreenderam isso uns tantos hereges como os

- a) *maniqueus*, que condenavam qualquer propriedade particular;
- b) *albigenses*, que ressuscitam no Sul da França as antigas heresias contra a propriedade particular e a legitimidade do casamento.

6. Prescindindo

- 1) dessas doutrinas errôneas;
- 2) de alguns “romances políticos” comunistas, aos quais parece ter dado impulso Tomás More com sua obra “Utopia” (1516), em que descreve o estado ideal;
- 3) das reduções do Paraguai, que não foram um verdadeiro comunismo;

- 4) da tentativa infeliz de uma conjuração comunista por parte de G. Babeuf (falec. 1797), podemos dizer que o socialismo e o comunismo são fenômenos essencialmente modernos.

II. Os pioneiros do socialismo moderno.

O socialismo moderno difere essencialmente dos precedentes porque se apresenta como um *fenômeno permanente*, comum a todos os países civilizados, onde a indústria está desenvolvida. Esta circunstância mostra que não nos encontramos diante de um simples fenômeno externo, devido a uma agitação artificial, mas a um fenômeno que tem sua razão de ser nas condições sociais atuais.

As causas do socialismo moderno estão relacionadas com o desenvolvimento da indústria e das respectivas relações sociais e datam do final do século XVIII.

Com relação ao progresso *técnico* e ao seu emprego na indústria e comércio, a libertação das forças econômicas iniciada com a Revolução Francesa produziu resultados surpreendentes mediante a livre e ilimitada concorrência, mas originou esta odiosa divisão da sociedade em duas classes hostis: um número relativamente pequeno de capitalistas riquíssimos e um número imenso de assalariados — caracterizados pela antítese “capital e trabalho”.

Entre as causas sociais que favoreceram o aparecimento e a propaganda do socialismo podemos apontar:

- a) revolução no campo industrial

b) revolução no campo filosófico-político

c) revolução no campo religioso.

a) *Revolução no campo industrial* ocasionada pela introdução das máquinas de invenção moderna: transportes rápidos, eletricidade, etc.

1) O maquinismo diminui o número de operários e aumenta o número dos patrões.

2) Destrói as pequenas indústrias que não podem fazer concorrência às mais poderosas.

3) Agrupa os operários nas cidades (em redor das máquinas).

4) Muitos operários, por causa do maior número de máquinas, ficam despedidos e para não perecer a fome, empregam-se por preços irrisórios, recebem salários insuficientes para a sua manutenção.

5) Daí uma multidão sempre mais crescente de operários assalariados (proletários) e um número relativamente pequeno de capitalistas riquíssimos.

6) Com o aumento do proletariado nas cidades veio a dissolução da vida doméstica, cresceram as tendências para a embriaguez e a corrupção, enquanto nas classes ricas predomina um luxo desenfreado, provocando uma ilimitada ambição de prazer. Tudo faz crescer a odiosidade entre a execranda plutocracia e o feroz pauperismo, entre o capital e o trabalho.

b) *Revolução no campo filosófico-político.* A Revolução Francesa, no fim do séc. XVIII, preparada pelos enciclopedistas, introduziu um novo di-

reito que preparou caminho ao socialismo. A Revolução proclamou: 1) igualdade de todos os cidadãos; 2) exagerada liberdade de pensar, falar, escrever; 3) supremacia e autonomia do povo, (3º. estado) pondo de lado os privilégios da nobreza (1º. estado) e do cléro (2º. estado); 4) usurpação dos bens do cléro, patrimônio dos pobres. Daí uma nova ordem de coisas, sendo prejudicados os operários. A revolução fez subir ao poder um *terceiro* estado; isto favoreceu a que os proletários pensassem num *quarto* estado, em que eles dominariam.

c) *Revolução no campo religioso* pela apostasia da religião entre patrões e também entre empregados. Assim como só a religião de Cristo pôde libertar a ingente turba de escravos, assim só ela pode conter estes homens contra poucos ricos. A paz entre eles só é possível com a consideração e o cumprimento de seus mútuos deveres.

Em geral, os patrões, deixando de lado os deveres de caridade e de justiça, não consideravam os operários como irmãos, homens que gozam de dignidade racional, mas tratavam-nos como meros instrumentos de produção dos quais (como se faz às máquinas) muitas vezes abusavam para aumentar sua riqueza e assim procurar saciar o apetite de prazeres.

Operários, sem a fé em Deus e o espírito de sacrifício, não só não tratavam reverentemente seus patrões mas julgavam-nos depredadores, ladrões cruéis, tiranos insaciáveis.

Nesse pé, bastava uma centelha para provocar ao incêndio a exasperação dos deserdados.

Pioneiros do Socialismo: 1) O primeiro a tentar o socialismo científico moderno foi o conde C. H. Saint-Simon (1760-1825). Começa com ele o socialismo no sentido atual. Os economistas sociais liberais tinham enunciado o princípio: *O trabalho é a base e a única fonte de todo o valor*, e por conseguinte, da riqueza nacional.

O socialismo fez sua esta máxima, tomando-a como ponto de partida nos seus assaltos contra os proprietários. E S. Simon tirara a consequência: as fábricas, os trabalhos manuais devem ocupar o primeiro lugar na sociedade.

Saint-Simon foi apenas um teórico; não fez tentativas práticas, nem mesmo atacou a propriedade particular. Seu discípulo Bazard, para abolir a injustiça e a desigualdade, queria uma revisão total do *direito de herança*.

2) Quase contemporaneamente a Saint-Simon, expõe seu sistema social Charles Fourier (1772-1837). A vontade divina se manifesta nos sentimentos dos homens, que devem ser satisfeitos. Desta satisfação nasce a felicidade e o meio para consegui-la é a *organização do trabalho*. Os atuais proprietários, sem perder seu direito de propriedade, devem deixá-la ao uso comum (o que é contradição).

3) Louis Blanc (1811-1882) vê na livre concorrência a fonte de todos os males no campo econômico-social. O único remédio para ele está na organização pública do trabalho. Blanc também foi o primeiro a sustentar publicamente o *direito do*

trabalho, instituindo oficinas nacionais para os desocupados.

4) Na Alemanha o precursor do socialismo "científico" foi Karl Radbertus. Qualifica sua teoria como uma consequência do princípio científico de Smith e Ricardo de que todos os bens devem ser tidos como único produto do trabalho.

Ferdinand Lassalle (1825-1864) influenciou, na Alemanha, como agitador, muito mais que Marx. Milhares de operários aclamaram-no "rei dos operários. E' característica sua doutrina da lei férrea do salário.

Os comunistas atualmente denominam esses autores de socialistas utópicos, pois viam no proletariado somente a massa oprimida, merecedora de compaixão e auxílio, e não a grande força histórica, a única capaz de transformar o mundo, pelo seu empenho e pela sua luta. Quem, na realidade, converteu essa utopia em ciência foi Karl Marx.

CAPÍTULO II

KARL MARX

Às 2 hs. da manhã de 5 de maio de 1818, nasceu em Treves, na Alemanha, uma criança do sexo masculino que na Sinagoga recebeu o nome de Karl (Carlos).

Seu pai, Hirschel, era um judeu alemão e advogado; sua mãe, Henriqueta, uma judia holandesa. Pertenciam à classe média e abraçaram, por conveniência, em 1824, o protestantismo.

Karl cresceu, como seu pai, olhando com desdém para todas as pátrias e as religiões.

Foi um bom aluno do Liceu de sua terra. Em outubro de 1835, entra na Universidade de Bonn para estudar Direito. Depois de um ano de estudos pouco assíduos, por estar apaixonado daquela com quem depois se casou, Marx parte para Berlim, no verão de 1836, levando na sua bagagem um volume de versos, algumas dívidas e grandes projetos. Profunda impressão causou este jovem de 24 anos no grupo dos jovens-hegelianos ou esquerdistas-hegelianos (Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach, Rutenberg) da Universidade de Berlim, "centro de toda cultura e de toda a verdade", no dizer de Hegel, o astro máximo da escola nessa ocasião.

Abandonando depois o estudo de Direito, pôs-se a trabalhar mais assiduamente, aperfeiçoando seus estudos filosóficos. Queria prestar exame de

doutor, a fim de obter um lugar de livre-docente na Universidade de Bonn, e escreveu uma dissertação sobre a filosofia de Demócrito e Epicuro (materialistas). Mas não conseguiu a cadeira. Só lhe restava agora escrever.

Fundou-se, 1842, na Renânia, um jornal "Gazeta Renana", dirigido por jovens hegelianos e Marx foi um dos redatores. Tinha que escrever sobre questões econômicas e políticas. Daí a necessidade de estudar economia política e socialismo.

Como divergisse em vários pontos de Rutenberg, Bauer, Koeppen, seus antigos amigos, atacou-os furiosamente, ridicularizando-os em tudo. Desde essa época até a morte, costumava redobrar de violência ao polemizar, na imprensa, contra velhos companheiros de ideais e de lutas

Suspenso pelo governo o jornal, em 1843, Marx, após seu casamento, dirigiu-se para Paris que, nesse tempo, era a "metrópole das teorias sociais", num ambiente saturado de ensinamentos saint-simonianos, fourieristas, blanquistas, que prepararam o marxismo.

Marx dirige os "Anais Franco-alemães" fundados por Arnold Ruge. Ficou no primeiro número, em virtude da dificuldade da difusão clandestina na Alemanha e das dissensões entre Marx e Ruge. Além dos artigos de Marx, traduziu um estudo "Esboço de uma Crítica de Economia Política" de Frederico Engels (nascido em Barmen, em 1820 e falecido em Londres, em 1895) que morava, nessa época, em Manchester. Em setembro de 1844 Engels foi a Paris visitar Marx: Assim se iniciou uma amizade que durou toda a vida,

unindo dois homens em uma obra comum. Marx era teórico, Engels prático. Sem o auxílio jornalístico e financeiro de Engels, Marx, em virtude de sua vida pouco prática e ao mesmo tempo orgulhosa e inflexível que levava no exílio, teria, sem dúvida, fracassado no seu objetivo. Entretanto diz Engels: Marx era um gênio; nós, quando muito, talentos.

Marx teve polêmicas com Bauer (que não conseguira se libertar de Hegel e que se petrificara na abstração, quando deveria se dirigir para o campo social), com Ruge, com Proudhon, que escrevera a "Filosofia da Miséria", a que Marx contestou com "A Miséria da Filosofia". Este livro é o prólogo do "Manifesto Comunista", que outra coisa não é senão a vulgarização da doutrina de seu livro contra Proudhon.

Marx torna-se cada vez mais revolucionário teórica e praticamente. Naquela época, percebia-se o rugido revolucionário no âmago das massas populares, máxime na Inglaterra, França e Alemanha. Por causa de seus escritos contra o absolutismo, Marx foi expulso de Paris e refugiou-se em Bruxelas. Como em Paris, também em Bruxelas ligou-se aos operários, fazendo-lhes conferências. Por sua vez, Engels fazia o mesmo em Paris, Colônia, Elberfeld etc. a operários federados, que mais tarde se constituíram em Ligas Comunistas, realizando em Londres, 1847, seu primeiro Congresso. Marx participou da reunião, sendo incumbido de redigir, em colaboração com Engels, um programa, que ficou conhecido pelo nome de "Manifesto Comunista".

Este Manifesto contém quatro partes principais: a) o capitalismo moderno e a formação do proletariado; b) a luta de classes e o papel do proletariado; c) ação revolucionária dos comunistas; d) crítica das escolas socialistas. Os proletários devem sustentar, por toda parte, movimentos revolucionários contra a ordem social e política existente para conquistarem o poder. “Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder, exceto as cadeias. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!”

Mal secou a tinta do Manifesto Comunista, estourou a revolução de fevereiro de 1848, na França. O grito revolucionário encontrou eco nos estados alemães, enquanto em Bruxelas são os seus partidários atacados pelo povo, sendo o próprio Marx expulso pelo governo belga. Acedendo a um convite do governo provisório francês, dirige-se a Paris. Aí permanece até fins de maio, exercendo esta permanência de três meses profunda impressão no seu espírito: viu os esforços de Blanc para se libertar, no governo, dos elementos burgueses e instalar uma ditadura socialista, até que as massas estivessem maduras para a “democracia”. Essa situação sugeriu a Marx a fórmula “ditadura do proletariado”.

Com o auxílio de Engels, reuniu membros da Liga dos Comunistas e todos se dirigiram à Alemanha para participar da revolução alemã. Marx e Engels publicam, a 1.º de Junho de 1848, a “Nova Gazeta Renana”. Marx é violentíssimo e apai-

xonado. Falando da derrota de Viena, julga que o único recurso é o terrorismo revolucionário.

A censura, a revolução fracassada, as dificuldades financeiras mataram o jornal, após o primeiro ano. Marx segue para Paris, onde não viu a República Vermelha, mas a da contra-revolução. Em julho de 1849, foi exilado pelo governo francês. Marx dirigiu-se a Londres, onde deveria ficar até a morte. Neste exílio de Londres, Marx passou aperturas econômicas e até miséria, ganhando alguma coisa com sua correspondência ao jornal americano "The New York Tribune". Apesar disso, reuniu material para a sua obra "O Capital" e para participar do movimento operário por ocasião da fundação da Internacional (1.^a).

Marx estuda especialmente a situação proletária da Inglaterra. Por ocasião da Exposição Mundial de Londres, 1852, os líderes operários ingleses travaram conhecimento com uma delegação de operários franceses. Essa correspondência fez pensar numa associação internacional de operários. Para essa organização, Marx valeu-se do apoio que lhe prestaram sociedades carbonárias e outras sociedades secretas, criadas para promover agitações políticas, ao serviço de princípios "democráticos".

Em setembro de 1864, organiza-se em Londres a Associação Internacional dos trabalhadores. Marx representava os operários alemães, e redigiu, em definitivo, a Mensagem Inaugural.

A nova entidade tinha sede central em Londres e filiais na Europa. Contava com o auxílio das

sociedades secretas, pois concordavam em espalhar as ideias revolucionárias.

O mais importante fato dessa 1.^a Internacional foi a "Comuna de Paris", o maior movimento operário antes do de 1917, na Rússia.

Os comunistas hoje se gloriam de ser esta uma verdadeira ditadura do proletariado. A comuna trouxe seu cortejo: incêndios, assaltos, fuzilamentos, violências de toda classe. A comuna de Paris, é, desde então, por sentença da história, sinônimo de sangue, fogo e extermínio.

Dois dias depois da derrota da Comuna, Marx sentou-se para escrever "A Guerra na França". Foi o seu canto de cisne e da 1.^a Internacional.

Nos 12 últimos anos de sua vida, Marx teve que lutar contra os males do fígado e de um esgotamento nervoso. Procurou pôr em ordem seus manuscritos para a impressão do 2.^o volume de "O Capital". Mas a moléstia prosseguia seu curso.

Marx expirou a 14 de março de 1888. Engels descreve esse momento, numa carta dirigida a Sorge (Max Beer, "Carlos Marx", pág. 102), e diz: "A humanidade ficou diminuída de uma cabeça, da cabeça mais genial dos tempos modernos".

Sobre o túmulo de Marx, falaram, entre outros, Engels e Liebknecht, chorando este último "aquele que era grande no seu amor, como no seu ódio".

Engels, que sobreviveu ainda doze anos, editou os dois últimos livros de "O Capital", enquan-

to Kautsky editou os três volumes dos “Estudos Históricos” de Marx sobre a mais-valia.

“O Capital” é o Evangelho vermelho dos comunistas e Gondin da Fonseca atesta que na Rússia “Marx não se discute: aprende-se. E’ um deus infalível” (O Bolchevismo, pág. 275).

CAPÍTULO III

O MATERIALISMO DIALÉTICO

Introdução. — Disse engenhoso autor francês que o marxismo, assim como o cristianismo, tem sua bíblia, seus concílios, seus cismas, suas ortodoxias e suas heresias e, finalmente, sua exegese sagrada e profana. Mas, como o cristianismo, tem também seus *mistérios* e o principal deles é a *Dialética*.

Esta opinião é frequente. Atribui-se força mágica à dialética. O mistério está na terminologia hegeliana que Marx consagrou e os marxistas persistem em manter. Marx, segundo Lenine, aceitou e desenvolveu a parte revolucionária da doutrina de Hegel.

“Quem compreendeu a concepção dialética do mundo, compreendeu, *ipso facto*, a essência do marxismo” (Max Beer, *História do Socialismo*, 2.º vol. pág. 633). Mas para isto será preciso conhecer o método dialético de Hegel, o materialismo de Feuerbach, o materialismo dialético e histórico de Marx e suas ulteriores explicações por Lenine e Stálin.

1. *Hegel.* — “Sem Hegel não podemos entender Marx”, dizem os filósofos bolchevistas, e, por isso, Lenine ilustrou a “Lógica” de Hegel com notas marginais, que são estudadas piedosamente na Rússia e alhures.

Hegel exercia, no começo do século XIX, grande influência na Universidade de Berlim. O filósofo *idealista* alemão, discípulo de Kant, forneceu dados para o *totalitarismo estatal* como para o *marxismo-leninismo*, embora de maneira diversa.

Por isso Hegel é filósofo muito festejado em meios totalitários, embora sua filosofia seja complexa e confusa. Conta-se que, à sua morte, os alunos, para consolá-lo, falaram do número avultado de discípulos e admiradores que deixara. Com dificuldade, Hegel respondeu: “Com exceção de Michelet, nenhum dos meus discípulos me compreendeu e Michelet me compreendeu mal”. Outros autores ainda comentam: Nem Hegel se entendeu...

Recapitemos brevemente o sistema e seu ponto de partida:

a) Até fins do século XVIII eram as seguintes as concepções dos homens: julgavam uns — “o mundo foi criado” e outros — “o mundo existe eternamente”.

A *Lógica* correspondia a essa velha concepção do mundo. Vinha de Aristóteles e continha três leis fundamentais e características: 1.^a *lei de identidade*. — Assim como o juiz olha de frente o acusado e o identifica, a fim de evitar dúvida ou erro, assim a lógica começa por identificar o conceito com o qual quer operar, por ex.: O Estado é o Estado. O socialismo é o socialismo.

2.^a *lei da contradição*. — Flui da primeira. Se é Estado, não pode ser anarquia ao mesmo tempo, o que seria contradição. O socialismo não pode ser socialismo e individualismo.

3.^a *lei da exclusão do terceiro*. — Uma coisa

é A ou não é A. O socialismo é revolucionário. Se não é, deixa de ser socialismo.

São, essas três leis, constantes e imutáveis. E' a *forma do pensamento* conforme a velha concepção do mundo.

b) Nos primórdios do século XIX, surge nova concepção: O mundo, tal como o vemos ou nos é conhecido pelos livros, não foi criado, nem existe eternamente, mas se formou no decorrer de incontáveis milênios e ainda está preso a um processo de desenvolvimento.

A terra foi massa gasosa, depois bola de fogo, etc. Também muitas transformações lentas e bruscas (revoluções) deram origem aos seres, às várias espécies, etc.

O mesmo sucedeu com a história da humanidade: religião, direito, família, Estado, economia... tudo está em perpétua transformação. Nada, pois, há de constante, de fixo, de imutável sobre a terra.

Diante disso, a velha lógica de Aristóteles é insuficiente: a forma do pensamento não corresponde à realidade. Surge a necessidade de uma *nova Lógica* — e é o que faz Hegel... querendo acompanhar com o pensamento a realidade que evolui.

Por isso propõe a *Dialética*. O nome é antigo. Por dialética, os gregos antigos entendiam a arte de discutir, de refutar os adversários pela destruição de suas afirmações, mostrando as suas contradições. Da discussão jorra a luz e a dialética excita a arte do pensamento.

Hegel encontrou nesse "método dialético" a

explicação da evolução, que se opera pelo choque das forças antagonicas: da tese e da antítese.

Aplica este método, para encontrar as três leis fundamentais do pensamento: 1º a lei da identidade é uma verdade abstrata, incompleta, porque não a diferencia de outras coisas, por ex.: A terra é a terra. Esta lei apresenta-nos um conceito morto, sem conteúdo, um truismo; 2º Mas o que põe em movimento as coisas é a *contradição*. Ficasse a terra sempre massa de gás inflamada e não houvesse sua contradição — o resfriamento e a terra não seria o abrigo da vida. Se o Estado ficasse autocrático e não surgisse a sua contradição — a liberdade burguesa, a vida social continuaria fixa e seria impossível a civilização. A contradição é, portanto, a base de toda a vida e de todo o movimento. Este pensamento é sumamente importante para Marx. É a necessidade da *luta de classes*. Não há evolução que se processe automaticamente; é preciso forjá-la pela luta de classes; 3º A primeira lei põe a afirmação (tese), a segunda uma negação (antítese); agora surge a terceira fase — a negação da negação — a síntese. Estabelece-se um princípio positivo. Surge — como elemento contrário, um negativo. Trava-se a luta e a vitória jamais se decide, na íntegra, para qualquer dos lados. Reconciliam-se, finalmente, os dois opostos, consubstanciando-se uma ideia mais alta: a negação da negação, isto é, numa nova afirmação. Depois, novamente, surge nova negação, etc. A cada *tese* corresponde uma *antítese*. Da luta entre a tese e a antítese surge a *síntese* que, uma vez estabelecida, se torna tese, recomeçando

o mesmo processo... isto é, despertando uma antítese e assim por diante, numa cadeia interminável. Por ex. o resfriamento da terra determinou a formação da crosta terrestre; com esta foi possível o aparecimento do Estado burguês que, por sua vez, determinará a vitória do proletariado. Sua contradição é a propriedade *particular*. Depois, não haverá mais o proletariado, nem a propriedade particular — eis a negação da negação.

O processo dialético não se desenvolve apenas por etapas insensíveis, mas também por *saltos*. Por ex.: A água não se endurece, pouco a pouco, pelo resfriamento, até obter a solidez do gelo, mas, de um só golpe, quando a temperatura alcança certo grau. Neste caso, segundo Marx, a quantidade se transforma em qualidade.

Este ponto é importantíssimo para Marx, pois que na história da humanidade esses saltos são *as lutas de classes*, que aceleram a evolução humana.

Em nossos tempos, a tese é a burguesia (baseada na propriedade particular), e a antítese, que deve ser acentuada, é o proletariado (fruto do capitalismo) e a síntese final é a sociedade comunista, sem classes e com a propriedade coletiva.

A estas alturas, convém ressaltar que os marxistas somente se apropriam do “método dialético” de Hegel, mas não endossam o seu *sistema idealista*. Não escondem sua decepção ante o idealismo e estatolatria de Hegel e julgam que o nacionalismo alemão eliminou nele o dialético. Mas, dizem, a posição de Hegel, na história do pensamento, não se relaciona com sua explicação sobre

o mundo e a exaltação do Estado, mas sim sobre o seu *método dialético*. (Iudin y Rosental, Nuevo Diccionario Filosófico de la URSS, pág. 71; Sydney Hook, La Dialéctica Materialista in M. Shirokov, Tratado Sistemático de Filosofía, pág. 358).

2. Se Marx extraiu a *dialéctica* de Hegel, foi buscar em Feuerbach o *materialismo*.

Os discípulos de Hegel cindiram-se em *direita* e *esquerda*. Os da “direita hegeliana” ficaram com o método e o sistema do mestre, procurando conciliar a doutrina de Hegel com os ensinamentos cristãos. A “esquerda hegeliana” ficou com o método e desenvolveu os elementos anti-cristãos do sistema, cultivando o materialismo, o ateísmo. Pertencem a esta corrente Strauss, Feuerbach, Carlos Marx.

Feuerbach rejeitou o idealismo de Hegel, aboliu o “dualismo” entre espírito e matéria, pregou o ateísmo, entronizou ousadamente o *materialismo* e fez a *filosofia e a religião*, dependentes do homem. Não é a religião que faz o homem, mas o homem idealiza a religião, que não passa duma ilusão nefasta, cujo efeito é a alienação.

3. Estas ideias exerceram influência sobre Marx e Engels (cf. Diccionario Filosófico de la URSS, pág. 60) que, embora gratos a Feuerbach pela sua concepção materialista, sustentavam ter conhecido melhor que ele e Hegel o processo evolutivo dialético — aplicando-o ao domínio social e mostrando como *a produção é a base da ordem social*.

Entre a aplicação de Feuerbach e a de Marx, Hegel veio a falecer. Max Beer pergunta: “Se

Hegel tivesse conhecido Marx a mais tempo, teria morrido mais feliz ou mais triste?"

A pergunta não deixa de ser curiosa. Mas seria mais interessante formulá-la em nossos dias: "Se Hegel assistisse à atual guerra, que diria ele?"

Pois, Nietzsche tirou de Hegel conclusões para o seu "Super-Homem", fornecendo base ao racismo alemão; Marx concluiu de Hegel para o comunismo.

Nietzsche e Marx, ambos ateus, ambos pregam um terrenismo absoluto e a negação completa da ordem moral em benefício do ídolo do futuro: o herói nietzscheano (Hitler?) ou o mundo comunista. Marx e Nietzsche negam Deus e divinizam o homem, que será para um o "Super-Homem", o "homem individual", o "monstro da singularidade humana" e para outro o "Sub-Homem", o "homem econômico", o "homem coletivo", o "monstro da pluralidade humana". Para ambos, o homem deve ficar sem Deus, sem Pátria, sem moral e — o que é mais doloroso — sem liberdade. Nietzsche julga que o derradeiro processo universal, a síntese final da história, coincide com sua vida em Berlim. O mesmo pensará depois Hitler. Para Marx e os comunistas, o último ápice da evolução é a sociedade comunista.

Os sistemas de Marx e de Nietzsche originaram o comunismo e o nazismo, sistemas próximos, aparentados, filhos do mesmo pai Hegel... e no entanto chocaram-se em guerra atroz.

Se Hegel presenciasse a última guerra, que diria? Talvez o que disse ao falecer: — Ninguém me compreendeu...

CAPÍTULO IV

O MATERIALISMO HISTÓRICO

O materialismo histórico é a aplicação do materialismo ao estudo dos fenômenos sociais... Até Marx, predominou uma concepção idealista da história. “Como Darwin descobriu o desenvolvimento do mundo orgânico, Marx descobriu o desenvolvimento da história humana — oculto por acumulações idealistas — de que antes de *tudo* (da política, arte, religião), deve o homem comer e beber... e que *tudo* gira em torno desse problema econômico...” (Engels). Esta descoberta é de 1843.

Marx não formulou, de modo especial e pormenorizado, o seu método em nenhum lugar. Somente encontramos elementos dispersos no “Manifesto Comunista”, na “Miséria da Filosofia” e no prefácio da “Crítica da Economia Política”. Era intenção de Marx escrever uma “Lógica”, na qual formularia claramente sua dialética materialista.

Apresentemos, rapidamente, sua concepção:

a) Um rápido estudo da História mostra-nos como os homens tiveram concepções diferentes, conforme as épocas, sobre direito, moral, religião, estado, filosofia, agricultura... ao mesmo tempo que diversas eram as instituições sociais e tiveram lutas, migrações, guerras etc. Donde procede essa

perturbante diversidade do pensamento e da atividade do homem?

Advirtamos que Marx não se preocupava em saber a *origem* da história, mas o seu *desenvolvimento dialético*, ou, em outras palavras, o seu processo revolucionário.

b) A resposta de Marx é a seguinte: As forças motrizes da sociedade humana não nascem do pensamento, da ideia, como querem os idealistas, mas das condições da *existência material*, que é a base material da História. Essas condições materiais da vida são os recursos que os homens têm para sua subsistência e para criar e repartir as riquezas, necessárias à satisfação de suas necessidades.

Para melhor compreensão do assunto, aliás importantíssimo, distingamos a *estática* e a *dinâmica* da sociedade.

1. *Estática da Sociedade*. — Na vida material o que é mais importante é a produção e a fabricação dos gêneros alimentícios, que dependem das *forças produtivas*, tanto *materiais* (terra, água, clima, matérias-primas, utensílios, máquinas) como *pessoais* (técnicos, sábios, operários, sendo os últimos o elemento mais importante, pois representam os operários a única forma criadora de valores no mundo capitalista).

As forças produtivas fazem, no campo social, as *relações de produção*: formas jurídicas e sociais, agrupamentos de classes, camadas sociais.

As riquezas materiais são efeitos *materiais* das forças produtivas e constituem a *infra-estrutura econômica* da sociedade. As relações de produção

são os efeitos *sociais* das forças produtivas e são a *superestrutura ideológica e social*.

A infra-estrutura é de ordem material, a superestrutura é seu reflexo intelectual. Assim como num edifício a infra-estrutura constitui a base e os alicerces da restante construção (superestrutura), também na sociedade a economia constitui a base de toda a construção social.

Conclusão prática: Os homens, até os mais heróicos, não são criadores duma nova ordem social, mas os seus órgãos de execução; se possuírem, porém, vastos conhecimentos teóricos, caráter enérgico e faculdades superiores, podem apressar esse desenvolvimento.

Mas como e por que se produzem as transformações revolucionárias?

É a resposta da

2. *Dinâmica da Sociedade*. — A transformação revolucionária da sociedade se opera graças ao elemento objetivo (transformação das forças produtivas) e ao elemento subjetivo (luta entre as classes).

a) Elemento objetivo: Transformadas as forças produtivas, a superestrutura social e ideológica não corresponde mais à infra-estrutura econômica. Forças produtivas e relações de produção entram em luta.

Essa oposição entre a nova vida e as antigas formas sociais só paulatinamente vai sendo percebida. As instituições antigas apegam-se às suas fórmulas. O pensamento humano é, de si, conservador; mas surgem grandes pensadores que explicam a nova situação, criando novas ideias. Surgem dú-

vidas; depois: divergências, dissensões, cisões, lutas das classes e revolução.

Só termina o período revolucionário quando a sociedade fornece às forças produtivas relações de produção correspondentes. Os homens que estão à frente do desenvolvimento só se devem preocupar com os problemas que são capazes de resolver, pois os elementos da solução aparecerão no desenvolvimento material.

b) Elemento subjetivo: a luta de classes.

É um fato, hoje em dia, a classificação dos grupos sociais em classes antagônicas, tão verificável como a divisão de classes entre plantas, animais etc. *Classes*, diz Lenine, são “grandes grupos de homens que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam num sistema de produção social, historicamente definido”. (Nuevo Diccionario, pág. 21).

Os homens atualmente podem se dividir em duas classes: a operária e a capitalista. Pertencem à primeira os homens cuja *principal* fonte de manutenção é o *salário* ou a força do trabalho. São capitalistas os que possuem como *principal* fonte de manutenção a posse do *capital* (terras, construções, oficinas, matérias-primas, meios de produção).

Naturalmente as classes não são completamente homogêneas. Assim na classe operária: há operários manuais e intelectuais, operários qualificados e não-qualificados, mas todos têm como principal fonte de sustento o salário.

Entre as duas classes há antagonismos irreconciliáveis (de ordem econômica) que levam à luta de classes.

De início organizam-se os *sindicatos*. Baseiam-se na luta de classes, mas não constituem ainda a luta de classe.

Esta aparece quando o proletário tiver a convicção de que é *vítima* do regime econômico capitalista e que essa situação deve ser mudada por um regime em que os meios de produção pertençam a todos os membros da sociedade. Então o operário começa a pensar socialisticamente. O operário então adquire consciência de que não há liberdade nem igualdade para ele dentro da sociedade atual e que só poderá obter liberdade pelo socialismo.

Mas para levar a cabo o processo dialético, o proletariado deve se organizar e tomar a iniciativa de sua libertação. Deve-se prevenir de confiar em pequenas reformas sociais, fiando-se na benevolência de certos homens. Esse período de socialismo *utópico* já passou. As condições atuais de organização e consciência de classe do operariado levam-no a uma luta apaixonada de classes, na qual sairá vitorioso o proletariado, que para extinguir, de vez, as classes, deve instalar a *ditadura do proletariado*.

Nada de democracia, neste período de transição; aliás, "o Manifesto Comunista não contém nenhuma reforma democrática". (Max Beer, Carlos Marx, pág. 127).

Senhor do poder, o proletariado realizará, conscientemente e por etapas, a transformação da sociedade capitalista em sociedade comunista.

Na Mensagem à Liga dos Comunistas (março de 1850), Marx dá preciosas indicações quanto ao

modo de proceder do proletariado revolucionário em um governo de colisão com os "democratas burgueses". Resumindo, seus conselhos são: excitar o mais possível a vingança, o ódio entre as classes, em vista de revolução permanente; utilizar-se das palavras de ordem democráticas para ferir e aniquilar a própria democracia burguesa; reclamar a execução imediata das promessas revolucionárias; desconfiar do novo governo; aumentar as reivindicações operárias de acordo com as concessões e medidas dos democratas; ir formando o ambiente comunista até destronar seus antigos aliados, os ingênuos democratas da "mão estendida".

Voltemos, porém, à ditadura do proletariado e vejamos qual a sua missão. Inicialmente, os meios de produção serão paulatinamente socializados; o ensino escolar deve estar ligado à produção, para transformar os membros da sociedade em produtores. Serão fornecidos vales de racionamento, conforme o trabalho, para retirar do depósito social de consumo uma quantidade de objetos correspondentes à quantidade de trabalho dado. De início, haverá desigualdade na distribuição. Mas na "sociedade comunista", na sua fase *última e perfeita*, haverá igualdade, com a equiparação do trabalho físico ou intelectual.

A ditadura do proletariado deve trabalhar *internacionalisticamente*, desde que haja possibilidade de derrubar a dominação capitalista. E isto também concorda com Stálin.

Para o camarada Stálin três são os problemas básicos da ditadura do proletariado: 1º) aniqui-

lamento dos exploradores reacionários e relações com o proletariado de outros países para o desenvolvimento e vitória de revolução em todos eles; 2º.) atração das massas trabalhadoras para a construção socialista; 3º.) transição para a supressão de classes e transição da sociedade sem classes para a sociedade sem Estado. Sòmente estes três aspectos conjuntamente dão-nos uma noção da ditadura do proletariado. (Iudin y Rosental, o. c. págs. 41-42).

Marx era judeu. Como é vulgar entre os de seu povo, possuía um espírito messiânico. O desejo de salvar a humanidade levou-o a tomar o "proletariado" como "raça eleita" e a levar uma existência de combate, com uma missão a cumprir neste mundo. O que precedeu a vitória do proletariado foi apenas "a pré-história da humanidade". Mas, como nota Berdiaeff, na história da humanidade de Marx, "o paraíso comunista consiste apenas, na imaginação de Marx, em trocar o inferno capitalista das fábricas num céu socialista das mesmas fábricas".

A aplicação da concepção materialista da história à situação atual constituirá assunto do próximo capítulo: a teoria do valor e do lucro.

CAPÍTULO V

TEORIA DO VALOR E DO LUCRO

O que Hegel foi para Marx no domínio filosófico, Ricardo (nasc. em Londres em 1772 e falec. em 1823) o foi no campo econômico. Para Ricardo há três classes na sociedade: os proprietários latifundiários, que vivem da *renda*, os capitalistas, que vivem do *lucro* e os operários que vivem do *salário*.

O fator mais importante na sociedade é o capital, que é o motor da produção e da vida social. O capital sustenta os latifundiários e os operários. O princípio regulador da divisão das riquezas, criadas pela produção, é o *valor*. Por isso o eixo da economia de Ricardo é a *teoria do valor*. É o que preocupa Marx no seu livro "O Capital": qual a força motriz e qual o segredo do imenso crescimento das riquezas.

Tentemos reduzir o indigesto material econômico de Marx às linhas gerais:

1) *O valor*. — Numa sociedade capitalista todos os produtos têm o caráter de *mercadoria*. Mas nesta devemos distinguir o valor usual do valor comutativo. Por ex. o pão; pode servir de alimento, eis o valor de uso e pode servir para ser trocado com outra mercadoria, o que é o valor comutativo ou de troca. Por isso o valor usual consiste na utilidade do objeto em satisfazer as necessi-

dades do homem e tem seu fundamento nas propriedades físico-químicas do objeto. O valor de troca é a relação de permutabilidade, pela qual podemos trocar valores diversos. Por ex.: Se no comércio eu posso trocar uma peça de roupa por um par de sapatos, ambos têm o mesmo valor comutativo, embora diverso valor de uso.

Em que base, porém, se assenta o valor de troca? Marx responde: uma mercadoria tem valor de troca, enquanto é produto do trabalho humano e a medida desse trabalho “cristalizado” na mercadoria é também a medida do seu valor de troca.

Duas mercadorias que contenham a mesma quantidade de trabalho socialmente necessário têm o mesmo valor de troca”, eis a célebre lei do valor, idealizada por Marx. Trabalho socialmente necessário é “aquele que é exigido para produzir uma mercadoria, nas atuais condições de produção socialmente normal e no grau médio social de intensidade de trabalho” (Marx).

2) *O lucro*. — Da teoria de valor, Marx deduz a teoria do lucro, aplicando à *força do trabalho humano* quanto se disse, em geral, do valor de troca. Nas circunstâncias atuais da sociedade, também a força de trabalhador se tornou mercadoria. O operário é pessoalmente livre, mas não possui os meios de produção e assim se vê obrigado a vender como mercadoria as suas forças.

Considerando superficialmente, diz Marx, o operário recebe o salário correspondente ao seu trabalho, mas na realidade o seu proprietário enriquece à sua custa.

Como qualquer mercadoria, tem o trabalho humano o seu valor usual e o valor comutativo. O operário troca seu trabalho, aluga-o ao capitalista. Mas qual o valor do trabalho? O valor comutativo será correspondente ao valor dos víveres atualmente necessários para sua nutrição e para manter as forças do trabalhador. Mas, ao par desse valor de troca, o trabalho humano possui um valor de uso — dom natural — que não custa nada ao operário, mas que é desfrutado pelo capitalista. Este paga apenas o valor de troca, mas tem em vista principalmente o valor de uso específico deste operário: sua capacidade de criar valores.

Mas para o sustento diário das forças basta meio dia de serviço: o operário encontra no seu trabalho de 5 ou 6 horas o suficiente para seu sustento; mas deve trabalhar 10, 12 horas, realizando assim um produto de dois dias de valor (de troca)... o que é de grande importância para o patrão e de nenhuma para o operário, que só ganha o valor de um dia de trabalho.

O tempo suficiente para ganhar sua subsistência é o *tempo necessário* do trabalho; o restante é o sobre-tempo. O capitalista, portanto, não se contenta com o tempo necessário, quer também o sobre-tempo. E porque o operário não consegue emprego senão sob esta condição, ele se vê forçado a aceitar essa situação humilhante até nova organização social.

E' interessante para o capitalista prolongar o mais possível o trabalho além do tempo necessário. Enquanto estamos no tempo necessário há apenas uma troca: o capitalista recebe, sob outra for-

ma, o preço dado à força do operário. Mas no sobre-tempo só tem lucro o capitalista; há um aumento do valor — “a mais-valia” que sorri ao capitalista com todo o encanto de uma produção do nada” — e o operário só tem a perder, dispendendo energias. No atual direito “civil” todo o lucro vai para o capitalista, e sem sombra de injustiça.

A teoria da mais-valia é o centro da economia marxista, pois é a força motriz da sociedade capitalista moderna. A mais-valia é a materialização, em favor do capitalista, do super-trabalho do operário.

Ex. Se o salário é de Cr\$ 20,00 diários, podendo ser produzido por 5 horas de serviço e o operário trabalha 10 na fábrica, produzindo assim mercadorias no valor de Cr\$ 40,00, essa parte da mais-valia é de 100%. Multiplicada essa mais-valia pelo número de operários da empresa, constitui o conjunto da mais-valia, produzida pelo capital colocado nessa empresa.

3) *Conversão da mais-valia em capital.* — Numa ordem social em que os meios de produção são monopólio duma classe, a mais-valia (lucro) procede da exploração da fadiga dos outros. Esse lucro, de novo empregado em outras produções, é fonte de maior lucro e assim se converte em *capital*, que representa a totalidade dos meios produtivos da propriedade particular, destinados a desfrutar o trabalho dos outros. A conversão dos meios produtivos em capital supõe naturalmente que se encontrem operários livres, i. é, que os ope-

rários possam dispor de suas forças, sem possuir os meios de produção.

O capitalista, para sustentar a concorrência, deve ampliar seus negócios, utilizando-se do progresso técnico. Esta ampliação aumenta o lucro, mas aumenta também o proletariado e a miséria. “Quem possui dinheiro vai na frente como capitalista... quem possui as forças do trabalho vem atrás como seu operário: o primeiro zombeteiro, o segundo tímido e arreadio como quem leva ao mercado sua própria pele... esperando apenas o cortidor” (C. Marx).

4) *Aumento do capital.* — Todo o capital empregado para obter aumento de valor é dividido em capital constante (parte adotada na aquisição e melhoria do material, edifícios, máquinas...) e capital variável (parte empregada nas forças do trabalho, i. é, no pagamento do salário dos empregados). Este capital variável é que produz a mais-valia, porque produz mais valor do que o que custa ao capitalista. E’ interesse para o capitalista ter o maior aumento possível de valor com o mínimo dispêndio possível de capital. Deve portanto procurar:

- a) prolongar o trabalho além do tempo necessário;
- b) assalariar preferivelmente mulheres e crianças, que têm subsistência menos dispendiosa;
- c) aproveitar-se da técnica, das máquinas para produzir mais rapidamente;
- d) estabelecer a “cooperação” ou a “nova organização de trabalho” que aumenta a produtividade. E’ a divisão de trabalho. O operário não

produz sozinho o produto inteiro, mas apenas uma parte. Torna-se assim mais dextro, perde menos tempo e se transforma numa máquina viva, num autômato.

Marx descreve ainda outros processos tendentes simultaneamente a acumular capital e a aumentar a miséria.

5) *O fim da produção capitalista.* — Do estado capitalista atual surgirá, conforme Marx, o estado socialista do futuro. Pelas mesmas leis que possibilitam hoje a opressão dos operários pelo capitalismo, será ele obrigado a ceder a uma ordem social superior. O círculo dos capitalistas irá diminuindo porque “um capitalista assassina muitos” e seu poder se torna oprimente, enquanto cresce o número de deserdados e sua miséria se torna insuportável. Este estado de coisas, acentuado pela união dos deserdados, terá como resultado fatal, mas lógico, um estado de violência e de guerra, em que os capitalistas serão expropriados por todo o povo.

6) *A sociedade futura, conforme Marx.* — Como remédio a tão grandes males, é necessário instituir uma nova ordem social, em que sejam devolvidos para o domínio inalienável do Estado todos os bens produtivos: terras, casas, máquinas.

O Estado futuro (preparado pela Ditadura do Proletariado) deve ser democrático: nada de privilégios, tudo deve ser igual. O povo faz as suas leis; escolhe, por sufrágio universal, os seus magistrados e julga os seus atos.

O ofício dos magistrados consiste em ordenar a produção pública; e por isso devem determinar,

depois de diligente exame, a qualidade e a quantidade, não só de cada gênero de produção, mas também de trabalho que deve ser igual para todos na duração. Ninguém poderá eximir-se do trabalho comum. Todos terão os mesmos direitos e os mesmos deveres. *Todos são operários: não haverá mais classes.*

Não só a produção, mas também a circulação e a distribuição deverão ser confiadas aos magistrados. Estes, ou darão a cada qual uma parte dos produtos, conforme o trabalho feito ou estado de indigência ou passarão uma certidão do trabalho feito ou estado de indigência (cartão de racionamento). A propriedade particular, pois, longe de ser destruída, fica estabelecida na sua mais sólida base, i. é, o trabalho.

Pode-se dispor das coisas destinadas ao seu consumo, como quiser.

Finalmente a única forma de sociedade, que acaba com a exploração do homem pelo homem, e que está em consonância com a dignidade do homem e com a sua futura tarefa de conquistar e “transformar na natureza” é o comunismo, cuja lei é: “A cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo sua capacidade”.

Até aqui expusemos o marxismo, procurando ser fiéis ao pensamento de Carlos Marx. Doravante faremos a crítica.

CAPÍTULO VI

CRÍTICA DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA .

Observemos, de início, a posição crítica em que se encontra quem deseja refutar o marxismo ou discutir com os comunistas. Apresentando objeções, logo é classificado como burguês, reacionário, laçao a soldo dos capitalistas, indivíduo de outro tipo de consciência de classe. Esses preconceitos prejudicam a discussão, visto como para os comunistas a verdade é uma verdade de classe que só os proletários podem possuir, embora Marx, Lenine, Stálin não tenham sido proletários.

Por isto, reafirmando nossa posição independente dos interesses capitalistas, comecemos conforme Cathrein (*Philosophia Moralis*, 2.º vol. pág. 167).

Marx e Engels pretenderam fundar um método novo de interpretação histórica com uma concepção materialista da História, que se pode reduzir a quatro proposições:

- a) Não existe dualismo de espírito e matéria. Só existe matéria.
- b) Nada há de imutável nas instituições e relações dos homens; tudo consiste num estado de constante evolução.
- c) No incessante processo de evolução, a produção e a troca dos produtos constituem o valor decisivo principal.

d) Qualquer desenvolvimento social se faz pela formação de contrastes econômicos e pela luta de classes.

1) *Não existe dualismo: espírito e matéria.*

— Tudo o que existe é matéria ou sua modificação. Logo, não existe Deus pessoal, criador do mundo, nem providência divina. Logo, não existe alma imortal nem recompensa em outra vida. O homem é fruto de uma evolução dos animais. Neste pé, devem cair por terra, naturalmente, o cristianismo, paraíso, inferno.

Os chefes socialistas sabem destas consequências e a melhor demonstração prática de que tudo isto está intimamente ligado à sociedade comunista é a existência e o encorajamento dado na Rússia à luta contra a religião, ao ateísmo militante.

Para refutação do materialismo seria necessária não somente uma apologia do cristianismo, mas uma inteira filosofia.

Os socialistas confiam tanto no materialismo — aceitam-no como dogma — que não aduzem provas de suas afirmações ou contentam-se em repetir velhas objeções de Feuerbach, Strauss, Darwin e outros.

Escrevendo a pessoas que admitem ainda a dignidade dos homens, dispensamo-nos de aduzir todas as provas contra o materialismo marxista.

a) *Ateísmo Proletário*

E' o comunismo compatível com a religião? Ou o mal é apenas accidental, temporário? Opõe-se a Igreja ao comunismo pelo fato de seus dirigen-

tes serem anti-clericais e sem Deus ou há uma oposição essencial?

O problema é muito importante, em vista da difusão do comunismo pelo mundo. Também se aduz o seguinte. Na revolução Francesa, a democracia destronou o rei e foi ferozmente anti-religiosa. Mais tarde, democracia e religião se deram mãos amigas, a tal ponto que na América e em outras partes pareceu difícil haver regime melhor para os católicos que a República. Por que o mesmo não poderá se dar com o comunismo, após a primeira experiência sanguinolenta da Rússia?

Nossa resposta é: histórica e doutrinariamente o comunismo é ateu.

a) *Históricamente o comunismo é ateu.* 1. *Os homens.* — Marx e Engels são ateus. “A religião é o ópio do povo” eis a palavra de Marx, que se tornou fundamento da doutrina comunista. No “Manifesto Comunista”, o neófito aprende que o “socialismo cristão é a água benta com que o padre santifica os remorsos da aristocracia”. Na sua carta a Engels, 1869, diz Marx: “Convenço-me cada vez mais que é necessário combater enérgicamente os padres. Agirei nesse sentido pela Internacional”. Todos os chefes comunistas são ateus. Lenine, de criança, arrancou a cruz do pescoço e declarou guerra à religião. Num célebre artigo “Socialismo e Religião” diz que “a religião é a aguardente espiritual, na qual os escravos do capital afogam sua essência humana e suas reivindicações de maneira pouco digna do homem”.

Lenine nutriu ódio implacável com a mesma ideia da religião, como se vê na sua polêmica com

Máximo Gorki: "Qualquer concepção do bom Deus, como qualquer *flirt* com Deus é uma indizível abominação, mais perigosa que o contágio mais infame".

Stálin supõe que a religião é oposta à ciência: "Sou contra a religião porque sou pela ciência". Em 1929, dizia a operários norte-americanos: "O partido não pode se conservar neutro diante da religião e por isso acoroça a propaganda contra os preconceitos religiosos, porque o partido favorece a ciência".

2. *O partido.* A história do Partido Comunista é a história de sua luta contra a religião (cfr. I. Kologrivof — Ensaio de Suma Católica contra os sem-Deus, pág. 26-37).

b) *Doutrinariamente o comunismo é ateu.* O marxismo funda-se no materialismo, que nega Deus, o espírito, a alma. Tudo está em evolução e o progresso se opera pela negação, oposição. O choque de forças antagônicas produz o progresso. Na vida social, é necessária a luta das classes: a revolução proletária é o dogma em que confiam cegamente os comunistas. *A adesão à filosofia materialista dialética é e foi condição necessária para se ingressar em qualquer secção da Internacional dos Partidos Comunistas.*

Neste materialismo, não há lugar para a religião, produto da ignorância e depois, na sociedade capitalista, de exploração.

O materialismo científico acabará com essa ignorância e exploração.

Conforme Marx, assim se originou a religião: No princípio havia a matéria, que sempre existiu.

Pelo seu movimento imanente, essa matéria se desenvolveu, tornou-se viva e pensante. O pensamento é a flor mais perfeita da matéria, mas é inconcebível sem matéria.

A uma certa altura da história do mundo, quando os animais tomaram formas sempre mais perfeitas, um dia, diz Engels, “o trabalho criou o homem” (porque o trabalho é o único deus, ao qual os marxistas tributam honras).

Os antepassados dos homens, os macacos, deixaram as árvores nas quais viviam e desceram à terra; trabalharam. “O trabalho transformou a forma da mão”, sendo esta, segundo Engels, não apenas “órgão do trabalho, mas seu resultado”. O trabalho foi a causa principal que distinguiu o homem do mundo animal. O desenvolvimento do trabalho provocou necessariamente uma aproximação entre os membros da sociedade: daí a necessidade de mútua comunicação, primeiramente por gestos e depois pela língua — o que também operou um desenvolvimento do cérebro, e com ele, dos outros órgãos.

Nesse período, os homens viviam como um rebanho: foi a idade de ouro do comunismo primitivo e *ateu*.

Mas, logo, segundo Engels, “de geração em geração, aperfeiçoou-se o trabalho e começou-se a pensar que a cabeça também trabalhava, tendo a sua produção intelectual; daí surgiu a possibilidade de alguém pensar em um trabalho para fazer outros executar. Foram os chefes, que, breve, ganharam autoridade e começaram a receber um culto religioso.

Além desse fator de exploração, acrescenta-se outro provindo da ignorância. O homem primitivo, não dispondo de técnica para vencer as forças da natureza, julgou-as superiores, celestiais, divinas.

Daqui, da ignorância e da exploração, surgiu a religião: "reflexo fantasista que surge na consciência social em consequência de um sentimento de imperfeição e de impotência" (Marx).

Sempre os marxistas relacionam religião com produção e com ignorância. Seria longo percorrer os diversos processos de sucessão de religiões primitivas, do cristianismo, de suas transformações na idade média, idade moderna e contemporânea.

Tudo para o comunismo se relaciona infalivelmente com a luta de classe. Ora, um fator principal de opressão secular, dos que nada possuem, é a religião. Daí os que lutam por uma nova ordem social julgarem necessário guerrear a religião, que consideram como o mais poderoso baluarte da antiga ordem. (Cf. Ledit, *La Religione e il Comunismo*, pág. 16-18).

b) As Objeções Contra a Religião

Todas as objeções comunistas contra a religião podem reduzir-se às quatro seguintes:

- a) a religião é o instrumento de exploração do proletariado;
- b) a religião é reacionária;
- c) a religião é produto da ignorância;
- d) a religião é inútil e infecunda.

1.^a *objeção*. — “Para nós a religião não é apenas uma bobagem e erro, mas é instrumento dos inimigos, maneira de conservar a opressão de classe” (Manual do materialismo histórico, livro oficial para as escolas superiores da URSS).

Resposta: 1) Só para argumentar, suponhamos que assim fosse. Cessada a exploração do proletariado, deveria cessar incontinenti o efeito, isto é, a religião. Não aconteceu isso na Rússia. Acabou-se a exploração do proletariado na Rússia? Deveria cessar automaticamente a religião... mormente quando, para aniquilá-la, se desenvolveu e prosperou o ateísmo militante. E no entanto não conseguiram aniquilar a ideia de Deus, a ponto de alguns julgarem-na inata. Por isso o comunismo mesmo desmente essa objeção.

2) O ateu leninista odeia aquilo que ele *crê* que Deus e a religião representam.

A religião, máxime a cristã, fundamenta-se no “amor” ao próximo, que quer feliz e livre. Um verdadeiro deísta é um homem que ama. Tem por dever odiar a exploração do homem pelo próprio homem e experimenta horror quando vê exploradores cobrirem-se com as máscaras da religião. E as maldições de Cristo contra os exploradores? Não falaram os Papas, Leão XIII, Pio XI contra essa “cupidez monstruosa de capitalistas que tratam o trabalho dos operários como se nada tivessem de humano?”

3) As diatribes lançadas contra a opressão não estão justificadas pela teoria marxista. Se essa opressão resulta das forças produtivas e se isso é coisa de desenvolvimento e progresso, se a ganân-

cia do capitalismo aumenta a miséria do proletariado e desse choque surge a sociedade comunista — não há motivo razoável para criticar o que é produto da economia, precursora do comunismo.

Marx, como teórico, condenava a organização capitalista não propriamente por ser injusta e imoral, mas porque retardava o desenvolvimento da produção.

Na verdade, o marxismo deveria se opor, então, à religião como se opõe ao capitalismo. Mas, como observa Berdiaeff, na realidade, o comunismo é *mais inimigo da religião que do capitalismo*. Por quê? Pela mania messiânica do marxismo, é a rebelião do reino terreno e humano contra o reino de Deus, o reino celestial. No fundo do sistema, há uma certa verdade, mas não soube fixar as funções sadias do organismo social. Por isso o marxismo é uma patologia e não uma fisiologia da sociedade humana.

4) A obra de assistência espiritual, moral, social e intelectual da Igreja Católica desmente *históricamente* a afirmação marxista. Enumeremos apenas alguns desses benefícios: a) para os indivíduos: dignidade da pessoa humana, inclusive da criança, mulher, escravo, pobre, prisioneiro, estrangeiro; b) para as famílias: indissolubilidade e unidade do matrimônio; c) para a sociedade: relações fraternas entre indivíduos (por ex., proibição de usura, amparo à indigência) e as nações (direito das gentes, leis humanas na guerra); criação de escolas, universidades, asilos, hospitais, amparo às letras, artes, ciências...

A Igreja desacreditou a violência e a opressão mediante a ideia de justiça; dignificou a pobreza, o trabalho, a dor, com o exemplo de Jesus Cristo. É a Igreja a tutela dos fracos, o freio dos poderosos, a defesa da sociedade. As melhores conquistas da humanidade, como liberdade, direito, são devidas à doutrina de Cristo. O que de bom proferem os inimigos da Igreja não passa de um plágio dos ensinamentos cristãos.

Não querem os comunistas a glória de dirigir as organizações operárias, que não contribuíram para fundar? Quem fundou, por primeiro, asilos, hospitais, associações, corporações de defesa, proteção etc...? A Igreja.

2.^a objeção. — “A Igreja é reacionária” (Bukarin-Sherwood, A luta religiosa na URSS).

a) Estava unida ao czarismo, na Rússia. Era como uma polícia moral (pág. 99); os padres eram funcionários do czar e sempre combateram a revolução.

b) A Igreja recebeu a revolução de Outubro com extrema hostilidade (pág. 101).

c) A Igreja sabota a revolução, porque os camponeses ouvem mais os curas que os comunistas (págs. 83-101).

d) “O primeiro brado contra a URSS foi lançado pelo Chefe da Igreja Católica, Pio XI” (pág. 50).

e) Na transformação vermelha da Rússia (cfr. René Füllöp Miller, O Espírito e a Fisionomia do Bolchevismo (págs. 242 segs.), a Igreja esteve sempre “contra”...

f) Os eclesiásticos são reacionários, porque se opõem à confiscação dos bens das igrejas, por ex-cálices (Timasheff — A religião na Rússia Soviética, pág. 57 segs.). Fecham-se igrejas, porque o povo pede.

Resposta. a) A Igreja Ortodoxa Russa estava unida ao Estado. De fato houve abusos, mas estes são devidos não ao fato de a Igreja ser *uma religião*, mas por se ter transformado em *instrumento de política*. Entretanto, como adverte Timasheff, que estudou longamente o assunto, não devemos crer em todas as acusações que os comunistas formulam contra a Igreja Ortodoxa, para minorarem suas responsabilidades nos crimes de destruição. A Igreja Ortodoxa não era tão rica como se disse, nem estava tão alheia ao seu múnus, como se propalou (Timasheff, o. c. págs. 29-32).

Se os comunistas julgam sinceramente que a religião não deve se intrometer em política, por que apoiaram, em 1923, a Igreja Viva, a tentativa de conciliar a religião com o regime bolchevista? E por que, durante a guerra, fazem festas à Igreja Ortodoxa e, depois da guerra, a todos os grupos religiosos, que são trampolim para o comunismo?

b) Como não receber com oposição um regime ateísta que proclama: “Os trabalhadores da URSS se vão convencendo que sem Deus se pode organizar uma vida melhor e a organizam” (Bukarin, o. c. pág. 120). E note-se que isto é contra a tradição multissecular cristã da Rússia. Então queriam que a Igreja fizesse festa ao blasfemo, iconoclasta, inimigo de Deus?

c) Não somente a Igreja Ortodoxa (possivelmente interessada na restauração do antigo regime) mas também a Igreja Católica, as seitas protestantes foram perseguidas e não eram saudosistas. O fato de ouvir mais os padres, é sinal que tinham força e prestígio: o que não lhes viria de um regime de opressão.

d) Com relação à Igreja Católica é interessante notar que os comunistas chamam-na de facista e estes de comunista... Os extremistas se esquecem que existe um meio-termo de equilíbrio e bom-senso.

e) Querem os comunistas substituir “pelo revolucionamento do cotidiano” todas as práticas religiosas, e queriam que a religião os apoiasse nessa sua destruição? O ladrão me rouba e devo ainda louvá-lo?

f) E’ fácil forjar pedidos “populares para um aproveitamento útil” das igrejas. Uma reunião de fanáticos comunistas sempre pensa falar em nome do *povo*. Isso até aqui no Brasil! No entanto, quantas vezes os esbirros encontraram uma multidão que se opôs ao transporte dos sinos, etc.

A imprensa soviética relatou 1.400 lutas sangrentas ao redor das igrejas (Timasheff, pág. 57).

3.^a *objeção*. — “Sou contra a religião porque sou pela ciência” (Stálin). Kalinin, em 1945, “A religião é um erro e contra ela lutamos com as armas do esclarecimento”.

Resposta. — Cabe bem aqui o que dizia S. Agostinho: “Um verniz de ciência afasta de Deus, mas a verdadeira ciência a Deus conduz”.

Para refutar essa asserção pueril do ex-seminarista Stálin basta ver qual o papel da Igreja no progresso da ciência. Seu verdadeiro empenho em apoiá-la e difundi-la não encontra similar na História.

Numeroso é o contingente de sábios cristãos. Para ficar num exemplo apenas, grato aos comunistas, dentre os 8.847 sábios citados por Pongendorf, no seu Dicionário de Ciências Exatas, desde a antiguidade até 1863, 10% são nomes de padres e religiosos. A Companhia de Jesus, no século XVIII, contava 42 astrônomos de primeira plana e 9 observatórios, na Europa (I. Kologrivof, o. c. pág. 67 segs.).

4.^a *objeção.* — A religião é infecunda; despreza a atividade humana; prega a submissão ao destino, ensina a resignação à injustiça social e entrega-se à vontade de Deus. Por isso a palavra de ordem comunista deve ser: trator em oposição à oração.

Resposta: 1) O cristianismo não corresponde a uma espera contínua do milagre; tal atitude é tida como tentação condenável. A Igreja condenou o ocasionalismo.

A mentalidade cristã é: Ajuda-te que Deus te ajudará.

2) O cristianismo favorece a atividade humana como se prova historicamente; os povos que o aceitaram têm um dinamismo característico em oposição aos povos do Oriente (China, Pérsia, Índia). O cristianismo manda *operar*, em vista do

futuro. Há uma concepção dinâmica da história e seu processo ativo para um fim supremo tem um sentido. Não assim no paganismo, por ex.: grego, que era contemplativo e não ativo, admirava esteticamente o cosmos e sua beleza; sua religião ligava-o aos mitos do *passado*, os fatos mais importantes já tinham passado.

O paganismo depreciava o trabalho, como indigno do homem livre e feito para o escravo. O cristianismo ordenava o trabalho: “Quem não trabalha não come”, “O trabalhador é digno de sua recompensa”.

3) Pode o materialismo-histórico afirmar logicamente a atividade dos homens? Logicamente, para o marxismo, o homem é *passivo* e não ativo: porque produto de forças cegas evolutivas. Aliás, o homem sendo matéria é, como ela, inerte; o espírito é que é livre. Mas o marxista transporta para o seio da matéria o que é próprio do espírito. Reconhecer uma atividade humana é reconhecer uma iniciativa criadora, atividade intrínseca do espírito humano. Mas o homem-coletivo, no comunismo, recebe do Partido as suas determinações... Quem repudia a atividade não é o cristianismo mas o próprio marxismo, pois até em Filosofia deve o comunista aguardar as linhas do Partido.

Poderíamos agora considerar como na Rússia foi combatida toda e qualquer religião. O assunto é exaustivo, mas interessantíssimo. Foge, porém, aos limites que nos impusemos nesta breve apresentação da “Filosofia do Comunismo”.

Fornecemos, em apêndice, um estudo conciso sobre "A Religião na URSS" para que os leitores possam formar uma ideia da verdadeira situação religiosa em um país, vítima do comunismo.

Poderia, no final deste tema, brotar a pergunta: Uma religião mais "progressista" seria compatível com o comunismo? Demos a palavra a Lenine: "Não, não pode haver religião boa; uma religião melhor talvez seja mais perigosa do que uma religião pobre".

CAPÍTULO VII

CRÍTICA DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

A segunda proposição marxista, baseada em Hegel, estatui: *Nada existe de imutável: tudo evolui constantemente.*

Segue-se, por conseguinte, que não existem princípios imutáveis em nenhum campo: político, social, moral e religioso. Marx e Engels admitem raríssimos princípios imutáveis sómente nas ciências matemáticas.

Em resposta, podemos dizer que, refutada a 1.^a proposição pela demonstração da existência de Deus eterno e imutável, cai por terra esta 2.^a proposição. Mas podemos acrescentar mais alguma coisa. Assim como o círculo sempre será redondo, o quadrilátero não será triângulo, assim também não se podem alterar conceitos universais. Nossos pensamentos, longe de serem formas vazias, são imagens espirituais da essência das coisas, que permanece a mesma, não obstante as mudanças físicas. Negar ideias universais e imutáveis é tornar impossível a ciência. Esta trata das leis universais e não dos fenômenos isolados. Como será isso possível, se nada é constante, necessário, universal? Não haveria nexos entre uma geração e a outra. Seria impossível familiarizar-se com o modo de pensar dos antigos ou providenciar, de

alguma forma, pela sorte futura dos homens. Faltaria uma identidade de conceito. Como poderíamos saber se Aristóteles, Platão pensaram retamente, como entendê-los se os seus conceitos fossem diversos dos nossos. Pode ser que o que entendemos agora com uma palavra seja o produto das relações econômicas modernas, desconhecidas para os antigos. Assim o mais desprezível ceticismo é a legítima consequência do materialismo histórico. Nem faltam as contradições aos marxistas. Como puderam saber que houve "evolução" no passado e haverá no futuro, se possivelmente este conceito "evolução" não existiu ou não existirá?

Marx e Engels admitem verdades imutáveis nas ciências matemáticas (matemática, astronomia, mecânica, física, química, ciências naturais que examinam os organismos vivos). Mas concedendo isso, destroem, sem o perceber, toda a teoria evolucionista. As ciências matemáticas enumeradas contêm princípios e conceitos que são comuns com outras ciências e que formam o objeto próprio da Filosofia. Assim os conceitos de ente, substância, natureza, qualidade, quantidade, movimento, força, causa, efeito, lei, necessidade, tempo, eternidade, relação, igualdade, ciência, conhecimento, evolução e outros são comuns a todas as ciências, até às matemáticas. Estas ideias imutáveis formam a base de todo o pensamento certo e as ciências matemáticas *precisam ir buscar essas ideias na Filosofia*. Admitindo essas verdades como inconcussas, chegar-se-á logicamente ao santuário da religião e da moral.

3.^a proposição: *Neste processo de evolução, as relações econômicas são o fator decisivo e predominante.* Estamos no âmago da concepção materialista da história. Enquanto as outras duas proposições são tiradas de Feuerbach e Hegel, esta é produto genuíno do socialismo. Mas traz consigo uma desconcertante contradição.

Esta proposição deve ter um valor *geral, absoluto, imutável, universal* para todas as épocas da história. E no entanto, a proposição não pertence às ciências matemáticas. Segue-se que, ou é falso que não existam ideias e princípios imutáveis fora das ciências matemáticas, ou que esta proposição é errônea.

Esta tese só tem sentido e significado, sob o aspecto materialista. Quem demonstrou a existência de Deus, criador do homem, dando-lhe uma alma espiritual, claramente percebe que as condições econômicas não podem ser a causa última de qualquer ordem social. Além das condições sensíveis, existem outras ultra-sensíveis, que exercem influência decisiva. E' certo que o homem quer, antes do mais, viver, alimentar-se, vestir-se, viver cômodamente; a atividade econômica terá assim importância extraordinária na sua vida. Sempre se reconheceu isto, nem precisávamos de Marx para o revelar.

Mas o homem não vive só de pão! A alma espiritual deseja um alimento superior: quer ampliar o campo de seu saber e poder; não quer apenas conhecer o que existe e acontece, mas deseja saber o "como", o "porquê". Desta forma sua inteligência penetra tudo e chega até Deus — prin-

cípio e fim de todo o ser. Está aqui a raiz, o fundamento da religião.

Conhecendo a Deus, sabendo da brevidade da vida, da existência do além-túmulo, seguindo o impulso e o desejo da felicidade perfeita... não exercerão esses pensamentos um poderosíssimo influxo na atividade humana, independente mesmo das condições econômicas? Tanto assim que as condições econômicas variam de lugar para lugar e a religião e a moral são patrimônio comum de todos os homens. Mas perguntemos à *história*, se, de fato, são as condições econômicas o fator preponderante na vida dos povos e no desenvolvimento da civilização. A história nos responde que as ideias ético-religiosas produziram mais frequentemente mudanças econômicas do que vice-versa. Comprovemos rapidamente.

a) Toda a vida social e econômica do povo hebreu dependia da religião.

b) O *cristianismo* não foi efeito ou produto das condições econômicas do império romano, no tempo de Augusto. Suas doutrinas estavam em flagrante contraste com as ideias dominantes e causaram, paulatinamente, a transformação da sociedade, inclusive nas suas relações econômicas. Recorde-se a doutrina do dever, da dignidade e do mérito do trabalho, a abolição da escravatura, a nobilitação da mulher, a organização da família, a criação de inúmeras instituições de caridade e de misericórdia cristãs.

c) O maometismo, o humanismo, a reforma

protestante tiveram seu reflexo na ordem social e também na econômica.

d) Quem pode negar a influência de grandes homens, no curso da história? (estadistas, generais, artistas, santos, cientistas). Imagine-se um Napoleão em lugar de Luís XVI e talvez o curso da história teria sido diferente. Como explicar o gênio apenas pelas condições econômicas? Supõe sim um campo social propício à sua ação, mas nesse ambiente existem desenvolvimentos diversos de capacidades.

4.^a proposição: *Qualquer desenvolvimento histórico se realiza por contrastes econômicos e mediante a luta das classes.*

Concedemos que a luta das classes exerceu muita influência na história da humanidade, mas seria exagero afirmar que até agora *toda a história seja a história das lutas das classes.*

Sabemos de lutas *nacionais* entre assírios, babilônios, egípcios, medos, persas; conhecemos transformações sociais e políticas operadas por grandes conquistadores e guerreiros. Mas, as massas populares continuaram sempre oprimidas.

Depois, como fator de desenvolvimento social, notamos as lutas nacionais dos gregos e persas, dos gregos e macedônios, gregos e romanos. A influência da Grécia e de Roma no desenvolvimento dos povos ocidentais não pode ser explicada como luta de classe. Mais tarde, houve luta de Roma com os povos nórdicos, a mistura de diversas raças, que produz um elemento novo. Será que os po-

vos germânicos foram convertidos ao cristianismo pela luta de classes?

Foi a luta de classes que produziu o progresso das ciências, das artes, da civilização? Foi a luta de classes que introduziu as invenções modernas, máxime a imprensa, a pólvora, as máquinas a vapor ou elétricas, sua utilização para navios, fábricas, telégrafo, etc.? E, no entanto, foram os elementos revolucionários que criaram o novo mundo.

No meio de cada nação, houve, sim, lutas de classe. Mas foram limitadas a cidades ou zonas, sem maior repercussão fora do país. Últimamente, é fato, essas lutas preocupam o mundo, pela difusão do comunismo.

Mas, supondo que toda a história fosse de luta de classes, deveríamos encontrar, em todos os povos — como consequência necessária da concepção materialista — *duas opiniões opostas* quanto à religião, moralidade, direito, política. Disto não há nenhum vestígio entre os povos antigos (egípcios, chineses, indus, assírios, persas), nem entre gregos, romanos, germânicos, etc. Os plebeus de Roma não tinham ideias religiosas, morais e jurídicas diversas dos patrícios. Na idade média, não obstante todas as lutas de classes, não encontramos contrastes quanto às ideias religiosas, morais, jurídicas. Cavaleiros, artesãos, peões, papa, imperador — conquanto dissidentes em política e economia — estavam concordes no assunto ou em matéria religiosa.

Daí o exagero da generalização marxista.

CAPÍTULO VIII

CRÍTICA DA TEORIA DA MAIS-VALIA

Segundo Marx, o valor comutativo de uma mercadoria mede-se *exclusivamente* pelo trabalho humano, nela cristalizado.

Ora, essa proposição, além de gratuita, é falsa.

Gratuita, porquanto Marx o afirma sem provas. Julga evidente que o valor comutativo é alguma coisa de comum às mercadorias e que o elemento comum só pode ser o trabalho cristalizado. Aristóteles, ao qual apela Marx para estabelecer a distinção de valor usual e comutativo, poderia ter-lhe ensinado que de comum há nas mercadorias a sua utilidade — capacidade de satisfazer a uma necessidade humana, e, sob este aspecto, é que se comparam e unificam.

A proposição, entretanto, é falsa. Marx se contradiz sem perceber. Sustenta que nas relações de troca, os valores de uso são iguais, quando mantêm *proporções convenientes*. Por que isto? Porque, diz Marx, *sòmente as coisas úteis à sociedade* têm um valor de troca. Logo, o valor de uso ou a utilidade é um elemento essencial do valor comutativo. Mesmo que alguém empregue muito tempo fazendo sapatos de papelão, não poderá vendê-los, porque não têm valor: são *inúteis*.

Mas, dirá o marxista, não existem valores de uso, destituídos de valor comutativo? Quem ven-

de ar, luz? Por quê? Porque não há aí trabalho humano.

Ora, isto mostra que para a troca não basta apenas o valor usual; requerem-se outras condições. Mas não se segue que as coisas que tenham valor comutativo não devam isto, ao menos em parte, ao valor de uso.

Para que um valor de uso tenha valor comutativo, deve ser possuído por um indivíduo e não existir em tal quantidade que esteja à disposição de cada homem. Posto isto, seu valor depende primeiramente de sua utilidade. A lenha, na floresta virgem, não tem valor comutativo ou porque não há necessidade ou porque se consegue gratuitamente. Suponhamos que um negociante aporte em qualquer parte da Europa com diversos navios carregados de diversas espécies de madeira. Qual o critério para fixar o preço? Sòmente em base do serviço, do dinheiro e tempo dispendidos? Não; as diversas madeiras teriam então o mesmo preço. Os compradores procurarão a utilidade da madeira. Pagarão mais o que é melhor, mais durável. O cedro, o ébano terão melhor preço que o pinho, prescindindo mesmo do trabalho.

Com estes exemplos pode-se mostrar que o valor de uma mercadoria na opinião geral é determinado primeiramente pela sua utilidade. O melhor vinho é mais bem pago do que o inferior, embora para a produção dos dois se tenha empregado o mesmo trabalho.

Mas o trabalho não influi no preço? Evidentemente; *também* influi no valor comutativo, mas *não exclusivamente*... o trabalho influi enquanto

aumenta a utilidade. Mas também há coisas úteis e comutáveis sem necessidade de maior trabalho: frutas selvagens, peixes, diamante, etc.

Também nos produtos do trabalho humano, o que principalmente determina o valor da troca não é “o tempo necessário de trabalho social”, mas suas qualidades artísticas, i. é, a perfeição que em si possuem. Por ex. dois escritores, depois de igual preparação, publicam seus trabalhos. Qual terá melhor paga? Quem apresentou obra mais genial, bela e original. O que dá o preço, numa exposição de pintura? Porventura o tempo de trabalho? Não; o fruto do talento ou do gênio.

Esses exemplos todos destroem a teoria da mais-valia, da natureza e do aumento do capital.

Supondo dois operários que gastem igualmente para se manterem e à sua família, mas as suas forças poderão ter um valor comutativo bem diversos, se um possuir maior experiência, talento, habilidade e gozar de maior confiança do que o outro. Por que um diretor, um engenheiro, um superintendente mais hábil, esperto, atirado, de confiança, é melhor retribuído do que os outros? Por que um ator ou músico genial recebem frequentemente honorários elevados, enquanto outras pessoas, em semelhantes circunstâncias, apenas recebem o necessário para passar a vida, não obstante seu trabalho e fadiga? Precisa esse artista genial mais do que outra pessoa para manter sua vida? Podem talvez talento, gênio, beleza da voz e outras qualidades, com um tempo médio de trabalho, merecer tanto?

Brota espontânea a pergunta: como Marx, homem de engenho, pôde estabelecer sobre tão frágil base o seu sistema?

A resposta é que Marx somente considerou lateralmente a questão, sob um aspecto industrial, exagerou o que havia apenas um valor aproximativo e desenvolveu ideologicamente uma teoria de valor universal, para dar a seu sistema uma base "científica".

Outros exageros comete Marx. Fala do aumento do pauperismo, causado pelas máquinas, que põem na rua os operários. Embora as máquinas substituam muitos operários, também exigem outros que as construam e conservem. Novas indústrias surgiram e foram possíveis com a introdução das máquinas: autos, rádios, elevadores, telégrafo, telefone, fotografias, aviões, sorveterias, etc. De outro lado as estatísticas das Caixas Econômicas atestam como inúmeras pessoas vão melhorando e aumentando seus haveres, ao mesmo tempo que melhoram as condições de higiene, de assistência médica, hospitalar, social, etc. As grandes sociedades por ações mostram como grande número de pessoas podem participar, como acionistas, de empresas colossais, que surgiram recentemente, pela introdução de máquinas que encurtaram as distâncias... Assim não é de todo exato que diminui constantemente o número de proprietários, enquanto aumenta assustadoramente o proletariado e o pauperismo.

CAPÍTULO IX

INVIABILIDADE DO COMUNISMO

Já mostramos a falsidade dos pontos básicos do marxismo. Vamos considerar agora outros aspectos do comunismo, apontando suas deficiências e sua inviabilidade.

Uma das teses mais exploradas para efeitos demagógicos, pelos propangadistas comunistas, é a da igualdade de todos os homens. Não haverá mais classes sociais. Nada de privilégios para quem quer que seja. Todos os homens devem ter os mesmos direitos e os mesmos deveres.

Essa é uma das teses que mais adeptos tem conquistado para o comunismo. No entanto, até hoje, em parte alguma do mundo, se conseguiu realizar esse ideal marxista e, apressamo-nos em dizer, jamais será possível consegui-lo. E' uma bela, porém mentirosa promessa.

Em que sentido podemos afirmar que todos os homens são iguais? Sòmente em abstrato, enquanto todos os homens têm a mesma natureza humana, procedem do mesmo Criador, têm o mesmo fim e estão sujeitos à mesma lei natural. Então sim há os direitos naturais e inalienáveis da pessoa humana.

Mas, na realidade, em concreto, há uma grande diferença entre os homens, que salta pelos olhos. Abramo-los e vemos: crianças sem nada, jovens

inexperitos, homens no vigor de suas forças, velhos decrepitos, homens sãos, outros doentes, homens e mulheres.

Suponhamos a tal igualdade e, então, os homens e as mulheres, por turno, deveriam embalar o berço, cozinhar, costurar e remendar, fazer o trabalho doméstico, descer às minas, servir de carregador, estivador etc. Nem no tempo de máxima barbárie se verificou semelhante igualdade. Em vão Deus teria dado à mulher, não só um organismo diferente, mas também talentos, tendências, aptidões diversas das do homem. Significa que o Autor da natureza determinou ao homem e à mulher deveres diversos.

Prescindindo da diversidade de sexo e de idade, a igualdade de vida é assim mesmo descabida. As qualidades, inclinações, talentos, caracteres são diversos. O mesmo se diga das qualidades morais, como prudência, operosidade, sobriedade e diferenças por causa da fama, honra, estima, etc.

Quantas empresas prosperam só por causa de um "homem" e quantas outras fracassam unicamente por falta dum dirigente capaz!

Há nomes, portanto, que se destacam dos demais, graças aos seus esforços ou capacidade.

Querer nivelar todos os homens ao mesmo padrão seria ir contra a natureza e as suas tendências. Faria o mesmo que um jardineiro que quisesse igualar as plantas todas do jardim ou do pomar, à mesma altura. Evidentemente precisaria constantemente cortar a exuberância das plantas mais altas e teria que tomar uma altura mínima como média de nivelamento. Teria nivelado

violentamente as plantas, mas em vão pretendia ter frutos ou flores da maioria das plantas.

Pode-se também obter dos homens uma igualdade: a da mediocridade, e para isso basta eliminar os que se destacam ou, ao menos, coibir as manifestações do gênio, do talento, que superam a mediocridade. Estaria isso de acordo com a dignidade humana?

Por mais progressista que seja uma sociedade, sempre existirão os ignorantes. Daí a necessidade de mestres. Se existem aprendizes e mestres, onde a igualdade de direitos e deveres? Haverá doentes. Logo, também médicos, enfermeiros. Existirão sempre a agricultura, as indústrias, as ciências, *as artes...*

Tem de haver, fatalmente, a desigualdade accidental dos direitos e deveres dos homens, conforme sua posição na sociedade.

A igualdade, em última análise, que o comunismo quer implantar é a de que todos fiquem operários, camaradas. Conquanto todos se denominem camaradas, uns suportam o peso bruto de trabalhos insanos, enquanto outros folgam em postos burocráticos de administração.

A igualdade absoluta que o comunismo propaga (igualdade social, efetiva e perfeita e não apenas igualdade política ou igualdade diante da lei) nada mais é do que um embuste para iludir os ingênuos.

Outras dificuldades, cf. Cathrein, *Philosophia Moralis*, pág. 289 segs.:

a) É difícil, para não dizer impossível, distinguir praticamente os bens produtivos dos de con-

sumo. Há muitas coisas que, pela diversidade do seu fim, podem contar-se tanto entre os bens produtivos, como entre os de consumo, por ex. uma horta doméstica. Logo, ou devem passar para o domínio da comunidade todos os bens, ou, se ficarem entregues aos particulares, deve empregar-se uma constante vigilância (polícia secreta) para que não sejam fontes de produção. Está de acordo com a dignidade humana essa vida num Estado-polícia secreta e guarda-noturno?

b) E' também difícil a determinação da qualidade e da quantidade das coisas produtivas, exigida pelos socialistas, com o fim de abolir a anarquia da produção. Porquanto, na opinião deles, cada família deve manifestar aos oficiais das sociedades a lista de todas as coisas necessárias para a sua conservação; para que, reunidas todas essas listas, um comício de delegados do povo determine a soma das coisas, que se devem produzir. Ora, esta operação é imensamente complexa, e exige uma multidão de recenseadores e sabemos quão dispendiosos e morosos são os recenseamentos. Essa situação de cartão de racionamento para tudo, de divulgação em listas públicas das necessidades íntimas, estará também de conformidade com a dignidade do homem?

Se disserem que o governo, sem inquirição, pode determinar a quantidade de produção, responderemos que esta determinação não será exata e haverá muita produção desnecessária.

c) Muito mais difícil é a organização do trabalho público. Na verdade, para que a assembleia suprema do Estado possa impor a cada distrito, ci-

dade, vila ou aldeia, uma determinada quantidade de trabalho, deve conhecer o número dos homens aptos para o trabalho durante um certo espaço de tempo; porque é absurdo impor a toda a aldeia, vila, cidade, ou distrito, a mesma quantidade de trabalho, sem ter em conta o número dos operários presentes.

Posto isto, pergunta-se: Poderá um cidadão do estado comunista mudar de domicílio ou não? Se não pode, sem prévia licença dos magistrados, a liberdade individual fica prejudicada. Se pode, cada um abandonará uma terra ingrata, onde nada o prende (pois, no comunismo, tudo é comum: casas, terras etc.) e escolherá os lugares mais salubres e os terrenos mais férteis, e assim a organização do trabalho será impossível.

d) Suponhamos, porém, que esteja averiguado o número dos operários, que habitualmente residem num lugar. E' necessário distribuir entre eles o trabalho, de modo que um seja da limpeza das ruas e outros da assistência aos doentes etc. Ora, pergunta-se: a escolha da qualidade do trabalho depende da vontade dos magistrados, ou do arbítrio do cidadão? Se depende da escolha deste, cada um escolherá o trabalho mais fácil (não existe a lei do menor esforço?) e decoroso, deixando para os outros o mais ingrato e abjeto; daí a desordem. Se depende da vontade dos magistrados, os livres cidadãos tornar-se-ão verdadeiros escravos, não obstante todos os títulos pomposos "democráticos" com que pretende se revestir, hoje em dia, a ditadura do proletariado, que é mais propriamente ditadura sobre o proletariado.

e) A dificuldade aumenta, se considerarmos a distribuição das coisas que foram produzidas em comum. Porquanto a distribuição deve ter uma norma. Esta norma pode basear-se nos seguintes critérios: — ou no número de pessoas — ou no tempo do trabalho — ou na qualidade e quantidade de trabalho — ou na aplicação havida no trabalho — ou na indigência das pessoas. Ora, cada um desses critérios é inaceitável.

E' inaceitável o critério, que baseia a distribuição no número de pessoas; porque, sendo diversas as aptidões, as forças, o cuidado, é injusto dar a cada um a mesma quantidade do fruto acumulado.

E' inaceitável o critério do tempo do trabalho; porque, então, deveriam receber a mesma recompensa os que foram preguiçosos ou fizeram trabalhos fáceis e seguros, o que é sumamente injusto.

E' inaceitável o critério da qualidade e quantidade do trabalho; não só porque a determinação dessa qualidade e quantidade é muito difícil e pode depender de uma norma subjetiva e injusta, mas também porque é injusto não dar ou dar uma muito pequena recompensa ao operário, que, apesar da sua diligência e aplicação, não tem força nem talento para o trabalho.

E' inaceitável o critério da diligência; porque, para a averiguação da diligência dos operários, seria necessário colocar ao lado de cada operário um fiscal consciencioso. Mas onde encontrar esses fiscais? Depois, há trabalhos cuja diligência não é passível de medida. Como medir, por ex., a di-

ligência dum médico que tratou dum enfermo, que veio a falecer?

E' inaceitável finalmente o critério de indignância; porque, para se conhecer o estado de pobreza de cada família, seria necessário constituir um conselho. Mas quem não vê que este conselho poderia não cumprir com o seu dever, sem suscitar contradições, discórdias, invejas capazes de revoltar a sociedade inteira?

f) Mas não é tudo. A justa distribuição do trabalho e dos frutos supõe nos magistrados uma rara prudência, uma probidade excepcional, e uma abnegação generosa, e nos súditos uma obediência cega, uma resignação humilde, uma constante mortificação do próprio egoísmo. Mas estas virtudes tão raras mesmo entre os cristãos (embora a nossa Religião proponha tantos e tão poderosos motivos para a prática da virtude e para a fuga do vício), serão possíveis no sistema comunista que nega a existência de Deus, a espiritualidade e imortalidade da alma humana, a diferença entre a virtude e o vício, a existência de uma vida futura? Não, com certeza.

g) Há mais. Se se traduzisse em prática a teoria comunista, faltaria todo o estímulo para o trabalho. Porquanto, o que leva o homem ao trabalho é o desejo de procurar o necessário para a sua sustentação presente e futura, e a certeza de gozar exclusivamente o fruto do seu trabalho. Ora, estes dois estímulos para o trabalho não existem na teoria comunista. Não existe o primeiro estímulo que é o desejo de procurar o que é necessário para a própria sustentação presente e futura:

pois, nesse sistema, o homem, quando tem saúde, tem direito à recompensa do seu trabalho cotidiano, e, quando está doente, fica entregue aos cuidados da sociedade.

Não existe o segundo estímulo, que é a certeza de gozar exclusivamente o fruto do próprio trabalho, pois, para ter certeza deveria cada um estar convencido de que os outros empregaram o mesmo esforço e que a recompensa corresponde ao trabalho: ora, tal convicção é impossível.

Nem se podem preterir algumas considerações de ordem psicológica.

Os homens, principalmente os que atingiram uma cultura mais avançada, não prezam somente, num regime econômico, os bens que lhes são necessários para a vida; querem também, com esses bens, uma liberdade pessoal e a paz pública. Bastaria dar ao Estado a propriedade dos bens naturais e dos capitais para que desaparecesse tal liberdade. Pois, toda atividade humana, também de ordem intelectual, moral e até religiosa, está ligada ao uso de alguns bens materiais. Essa atividade supõe o uso ou o consumo de uma riqueza. Mesmo que o Estado desse a todos os cidadãos os bens todos necessários para as manifestações intelectuais, morais e religiosas... assim mesmo o homem dependeria do Estado, estaria ligado, embora por uma cadeia de ouro.

Outro aspecto da psicologia humana é que os males, até os mais leves, tornam-se onerosos, quando impostos pela autoridade.

Ao contrário, o homem padece, em geral, sem se queixar ou ao menos sem se revoltar, as desgra-

ças e privações que provêm de sua incapacidade pessoal e que não pode atribuir a outros.

Finalmente, nada estimula tanto a atividade, o esforço, a iniciativa, o engenho, nada induz mais eficazmente à moderação no uso dos bens e à economia do que a certeza de que o próprio indivíduo será a primeira vítima da própria negligência, dos próprios erros, da própria prodigalidade, e o primeiro a gozar as vantagens do próprio trabalho, da própria prudência e da própria moderação.

i) O sistema comunista não só não promove o trabalho, mas chega a impedir o progresso das artes e das ciências. Porquanto, se todos os cidadãos fossem obrigados ao trabalho, faltaria o tempo necessário para o estudo, sobretudo das matérias ou ciências mais difíceis, que exigem uma aplicação diuturna e constante. Os comunistas dizem que se pode empregar no estudo o tempo que resta do trabalho. Mas esta resposta não é suficiente, porquanto o homem — ou recebe unicamente a recompensa do trabalho que ele empreende por ordem do Estado, e não a do trabalho, que lhe dá o estudo das ciências e das artes, ou recebe também esta recompensa. Na primeira hipótese, faltará o estímulo para o estudo das ciências e das belas artes, e assim não haverá progresso. Na segunda teremos a desigualdade nos bens e nos direitos, e assim ficará destruído o ponto capital do comunismo, que é a perfeita igualdade dos homens.

René Füllöp Miller, em "Espírito e Fisionomia do Bolchevismo" (págs. 205-241), demonstra e do-

cumenta a triste situação a que ficaram reduzidas as ciências e artes quando, depois da revolução bolchevista, se procurou ortodoxamente aplicar os princípios comunistas de igualdade entre os indivíduos e de revolucionamento em todos os setores das atividades humanas. Como, nessa época, imperou o regime da mediocridade. Em vista desses fracassos, houve um recuo por parte dos dirigentes comunistas e uma reaproximação dos padrões "burgueses".

CAPÍTULO X

ALGUMAS OBJEÇÕES COMUNISTAS

1.^a O comunismo tem por fim melhorar a condição do operário. Logo, este sistema filantrópico deve ser aceito e guerrear o comunismo é guerrear o operário.

Resposta. — O comunismo, longe de melhorar a condição do operário, torna-a mais miserável. No sistema da propriedade particular, o operário pode dispor, livre e exclusivamente, do salário, e se fizer algumas economias, pode comprar terrenos e assim melhorar a sua situação; e este caso dá-se com todos os operários honestos e laboriosos, que enriquecem, adquirindo bens, que não são outra coisa senão o salário transformado. Ora, no sistema comunista, que suprime a propriedade particular, o operário não pode melhorar sua condição, não pode de trabalhador se tornar proprietário; pois só pode gastar o seu salário em objetos de consumo, em alimentos, em vestidos, em divertimentos, fontes perenes de desmoralização e de miséria.

Brevemente: No sistema da propriedade particular o operário pode se transformar em proprietário. No sistema comunista, o indivíduo nasce, cresce, vive e morre... sempre operário. Eis o amor dos comunistas aos operários!

2.^a O Estado, em muitos países, administra as

estradas de ferro, telégrafos etc. tudo corre bem. Logo, o Estado pode administrar tudo.

Resposta. — E' ilógico concluir do menos para o mais. Porque o Estado administra bem(?) certas empresas, não se segue que possa administrá-las *todas*. Há empresas que se adaptam ao monopólio, pois interessam diretamente à prosperidade geral. Outras não.

3.^a As sociedades anônimas prosperam sempre. O Estado comunista seria uma sociedade anônima maior do que todas as outras.

Resposta. — Não existe paridade na comparação. As sociedades anônimas dependem da capacidade de seus dirigentes e fazem constantemente apelo aos interesses pessoais dos acionistas. No comunismo, não haverá diretamente esse interesse pessoal.

4.^a Não existe maior liberdade no regime atual do que no regime comunista. O operário depende do patrão.

Resposta. — Uma coisa é ter um patrão que se escolhe e que se pode deixar, e outra, bem diversa, é ter que suportar sempre um patrão imposto e prepotente, porque único (o Estado). Agora, ainda o operário poderá reclamar, terá sempre a quem apelar (pelo menos ao Estado); no regime comunista, adiantará reclamar ao patrão, ao Estado?

5.^a As ordens religiosas praticam com resultado o comunismo.

Resposta. — Existem diferenças essenciais entre comunismo e congregações religiosas. Os reli-

giosos, por um ideal sobrenatural, renunciam à posse particular e pessoal dos bens terrenos, mas a congregação ou casa religiosa possui bens (propriedade particular, por conseguinte). O que, depois, é possível a uma elite, animada de sentimentos religiosos profundos e que livremente escolhe seu próprio gênero de vida, não é possível a todos, nem pode ser imposto.

CONCLUSÃO

A experiência russa do comunismo fracassou. Não se chegou ao comunismo, mas apenas à ditadura do proletariado, que na realidade é a ditadura sobre o proletariado. Não é o que sucede na Rússia? Fosse ela realmente “o paraíso dos operários” e bastaria escancarar suas portas para que até os mais céticos se convencessem dessa maravilha. Os operários russos deixariam suas terras e, após percorrer o mundo, voltariam mais russos e comunistas ainda. Americanos, europeus etc., visitariam a Rússia, dormiriam nos albergues operários, comeriam do mesmo alimento dos operários, participariam de suas atividades e regressariam encantados, convencidos. Por que não se faz isso? E’ por amor aos operários que se estabelece, então, uma muralha de aço, separando a Rússia do mundo não-comunista?

Bukarin (A. B. C. do Comunismo, pág. 80) profetiza para 20 ou 30 anos, após a vitória do proletariado, “um novo mundo, com outros homens e outros costumes”. “A civilização humana, diz ele, alcançará um grau jamais sonhado. A Cultura se tornará geral e não haverá cultura de classe. Desaparecerá, com a opressão do homem sobre o homem, o domínio da Natureza sobre o homem. E pela primeira vez, na História, a Humanidade levará uma vida verdadeiramente racional e não animal” (pág. 82).

Quase trinta anos são passados e todas essas promessas continuam letra morta. No messianismo comunista, sonha-se com o paraíso na terra, paraíso que não terá fim, pois os homens dominarão as forças da morte.

Não é, com entono, que, de vez em quando, as agências soviéticas anunciam admiráveis conquistas comunistas de “elixir de longa vida”, “ressurreições”... esquecendo-se, porém, de dizer que o genial inventor do elixir morre sem a longa vida e que “ressurreições” desse gênero são frequentes, por todo o mundo, até sem o emprego de injeções?

Mas haverá sempre gente que goste de ser enganada e viver embalada em pueris ilusões. Em sua honra transcrevemos o que Paulsen diz (Sistema de Ética, pág. 738) do regime comunista: “No Estado do futuro, não haverá guerra, nem ladrões, nem falsificadores, nem vagabundos, não farão portanto falta, nem juizes, nem soldados, nem leis, nem, enfim, nada que se pareça com um Estado como os de agora. Estaremos no país da *Utopia*, onde os lobos brincarão com as ovelhinhas comendo a erva; onde pelo oceano, cheio de limonada, fiéis baleias arrastarão os navios; onde serão desconhecidos o ódio, a inveja, a ambição, a avareza, a preguiça, e a vaidade; onde não haverá nem loucos nem malvados, onde todos serão sábios e virtuosos; no reino milenar, enfim, no qual serão demais ordenanças e leis pormenorizadas, e onde haverá todas as comodidades e prazeres. Faça bom proveito a quem acreditar nisto”.

APÊNDICE I

A FILOSOFIA E O COMUNISMO

Lenine teve bastante visão para reconhecer o fundo social e político da Filosofia.

Por isso a confissão do materialismo torna-se essencial ao Partido, porquanto é a superestrutura ideológica da economia marxista, a cabeça pensante do proletariado. Assim a Filosofia deve estar a serviço do Partido.

Filosoficamente, os marxistas conhecem somente duas posições extremas: o idealismo e o materialismo, concepções opostas, porquanto supõem igualmente formas diversas de produção. Enquanto o idealismo se preocupa com uma finalidade, com o fim último, o materialismo põe de lado a finalidade, para se interessar tão somente com as causas imediatas, com a atividade revolucionária prática. O materialismo não pretende apenas reconhecer o mundo, mas transformá-lo. Evidentemente essa transformação será ditada pela linha geral do Partido.

Sendo, para os comunistas, unicamente verdadeiro o sistema materialista, segue-se que o idealismo ou o espiritualismo, de qualquer espécie, é um grande perigo para a evolução da humanidade. A doutrina do livre arbítrio é uma forma requintada de religiosidade e assim se constitui um obstá-

culo à evolução científica. (Iudin y Rosental, *Nuevo Diccionario Filosófico de la URSS*, pág. 89).

Os idealistas são acusados de contra-revolucionários e reacionários fanáticos, merecendo ser perseguidos e aniquilados. São mentirosos, desorientadores da humanidade.

Como consequência natural, procede-se na URSS à "limpeza radical" nas escolas superiores, além da guerra à religião. Professores universitários, sumidades conhecidas na Europa, mas que eram idealistas, tiveram que optar: ou aderir ao materialismo ou abandonar a Rússia. Isto sucedeu tanto para os filósofos, como para os historiadores e os juristas. Em seguida, submeteram-se todas as ciências a uma revisão marxista.

O Comité Central de Educação Nacional redige um "Index", aí colocando Kant, Platão, Spencer, Nietzsche, Schopenhauer, etc... 134 livros célebres de 94 autores devem ser afastados das bibliotecas.

O expurgo continua, pois os alunos exigem a deposição dos mestres, porque tiram conclusões idealistas.

Instaura-se, desta forma, a "ditadura espiritual do materialismo". As objeções ou razões adversárias não são consideradas. São postas de lado como "loucuras", "embustes", "sofismas maldosos". Os comunistas, aliás, também neste ponto, muito aprenderam do caráter polemista de Lenine.

Estabelece-se um verdadeiro "dogmatismo filosófico". Há uma linha geral ou uma linha justa em que a escravidão do pensamento é assombrosa, sem precedentes, pois fica estabelecida uma

proibição de ir além. Veda-se, assim, à inteligência aprofundar os motivos, as razões dadas.

Há um verdadeiro "Plano Quinquenal" no setor filosófico. A linha ortodoxa compreende Marx, Engels, Lenine, Stálin. As diretrizes do Partido são a base do trabalho filosófico. Contradizer ou examinar poderá ser heresia.

Por isso a filosofia soviética não é uma filosofia, porque esta supõe a liberdade do pensamento e da investigação. Ao contrário, a filosofia bolchevista é uma espécie de teologia, com seus dogmas que não admitem discussão.

Variam as aplicações filosóficas de acordo com as diretrizes do Partido. Assim um ortodoxo, poderá, amanhã, ser um herege e como tal merecer a excomunhão. Foi o que sucedeu com os antigos marxistas Plejhanof, Bogdanof, Lunatcharsky, Debordin, Buhkarin, Trotsky, Rierzanof, Kautsky e Kunof.

E' crime citar um sábio burguês. Sempre e sempre deve imperar o "*Lenin dixit*" com propósito e despropósito. Até Stálin, que pouco entende de filosofia, imiscui-se nesse setor.

Por que? Porque a Filosofia ficou monopólio do Estado e a especulação intelectual se tornou administrativa. Evidentemente onde há medo de uma punição não pode florescer o pensamento, nem ser criador. Entretanto, diz Shcheglov, "só sob a grande bandeira de Marx-Engels-Lenin-Stálin a ciência e a cultura podem conservar-se e avançar" (*História da Filosofia*, pág. 185).

As outras filosofias colocam o homem diante da realidade, de Deus, da sociedade, dos outros

homens... a filosofia marxista, porém, coloca o homem diante do Comité Central do Partido Comunista. O que este decretar, há de crer o comunista. Ele não precisa pensar, pois o Partido pensará por ele.

A Linha Geral da Filosofia Comunista

1. A filosofia marxista-leninista só admite duas atitudes filosóficas fundamentais: o materialismo e o idealismo, conforme a resposta ao problema capital das relações entre o ser e a consciência ou o pensamento. A primazia da consciência sobre o ser conduz ao idealismo, enquanto a primazia do ser sobre a consciência leva ao materialismo.

Nessa suposição, até nós, escolásticos, seríamos materialistas. Na realidade, porém, evitamos os dois extremos: não somos materialistas nem idealistas, mas simplesmente *realistas*. E' que os marxistas empregam a designação materialismo em lugar de realismo, com o preconceito, entretanto, de "a priori" sòmente julgarem possível e real a existência da matéria, com exclusão do espírito.

2. O critério da verdade para Lenine deve corresponder à realidade e convir com a consciência da classe proletária.

Mas que se entende por correspondência com o real? Como se explica a racionalização pelo meu pensamento dum ser irracional? Disto, que é preocupação milenar da Filosofia, o marxismo nem cogita.

A consciência de classe é o tabu marxista, talvez devido à preocupação messiânica de salvação da humanidade pelo proletariado. Então perguntamos: o proletariado tem uma natureza humana diversa da dos outros homens, a ponto de somente ele atingir a verdade? É claro que uma verdade de classe é necessariamente uma verdade sectária.

3. A História da Filosofia Comunista é apenas um arremedo de apresentação e de crítica proletária de correntes, algumas antiquadas e outras secundárias do pensamento filosófico ocidental. É de pasmar a ignorância crassa sobre grandes pensadores e acerca de tudo o que se não possa encaixar ou que fica fora dos horizontes do materialismo soviético.

A preocupação única, imediatista da Filosofia é justificar a revolução proletária e as suas consequências.

4. A linha geral da Filosofia Comunista é constituída do marxismo-leninismo, enriquecido com a experiência revolucionária. "O marxismo é uma ciência criadora. Os fundadores do marxismo sempre consideraram sua teoria como uma teoria revolucionária, como uma direção para a realidade. Depois da morte de Engels, o grande teórico, Lenine, Stálin e outros discípulos de Lenine, foram os únicos marxistas... que levaram avante, de modo gigantesco, a teoria marxista, enriquecendo-a de novas experiências pelas novas condições da luta de classes do proletariado. Eles demonstraram praticamente, na realidade, a oni-

potência do marxismo criador". (Iudin y Rosental, o. c. pág. 98-99).

5. Tal importância se liga a um sistema filosófico que até os desvios políticos são explicados por erros filosóficos. Assim Trotsky desviou-se favorecendo os interesses capitalistas e Buhkarin os kulaks.

O materialismo dialético luta contra o idealismo dialético de Deborin e o materialismo mecanicista de Buhkarin. Stálin decretou que a filosofia de Deborin é idealismo menchevitzante (pois a filosofia do coletivo deve estar isenta de qualquer inclinação pessoal; por que pensar? pensa pelo homem o Partido). Maior perigo é o materialismo mecanicista de Buhkarin, orientado para a ideologia dos kulaks. Esse materialismo é acusado de ir contra as atividades produtoras e as lutas de classes e explicar tudo pelas forças do meio. Por isso a linha geral da filosofia soviética é hostil à lei dos reflexos de Pavlof, Bechteref, pois a teoria dos reflexos é uma doutrina de passividade, desfavorável à atividade.

E' a filosofia que dirige a atividade humana. Marx dissera: "Assim como a filosofia acha seu instrumento material no proletariado, assim também o proletariado acha um instrumento espiritual na filosofia. A cabeça desta emancipação é a filosofia; seu coração é o proletariado. A filosofia não pode converter-se em realidade pela supressão do proletariado; o proletariado não pode suprimir-se sem converter a filosofia numa realidade" (apud Shcheglov, História da Filosofia, pág. 159).

6. Não podia ser mais despótica a ditadura filosófica do materialismo. Nunca, em nenhum regime, se obteve tamanha escravidão do pensamento ao Partido, senhor onipotente da verdade. Em tal situação, não pode medrar a liberdade.

Os marxistas leninistas conservam o termo "liberdade", mas dão-lhe um sentido diverso. Não é uma isenção de liames, uma determinação na escolha. Para eles, liberdade é o fruto da necessidade, é o "conhecimento das leis da natureza, para aproveitá-las em sua atividade prática". "A liberdade é a necessidade consciente" (Iudin y Rosental, o. c. pág. 89).

Se reina a escravidão da matéria, se não há lugar para a liberdade do espírito, como pode o comunismo ser um movimento libertador da humanidade? Como é possível escravizar o indivíduo e libertar a coletividade, se esta é formada por uma reunião de indivíduos?

7. Em discurso pronunciado em 2-10-1920 no III.º Congresso pan-russo de Juventudes Comunistas da Rússia, Lenine examina o problema da "moral comunista". Depois de destruir a acusação burguesa de que os comunistas não têm ética, diz textualmente: "Nossa moralidade se deduz dos interesses da luta de classe do proletariado. Está inteiramente subordinada aos interesses da luta de classes do proletariado" (Lenine, "A Religião", pág. 157). Em sua obra "O Extremismo, doença infantil do comunismo", escreve em 1920: "E' preciso estar pronto para todos os sacrifícios, empregar inclusive, se for preciso, todos os estratagemas, mé-

todos ilegais, estar decidido a calar, a ocultar a verdade, com o fito exclusivo de penetrar nos sindicatos, de permanecer neles e de realizar, apesar de tudo, os trabalhos comunistas" (Lenine, o. c., págs. 187-188).

Brevemente: o fim justifica os meios.

APÊNDICE II

A RELIGIÃO NA URSS

Será de grande utilidade considerar como foi e é tratado o problema religioso na URSS, onde todas as cartas estão em mãos comunistas. O assunto é de vital importância, não só como demonstração prática e irrefutável do ateísmo militante proletário, mas para desfazer inúmeras mentirosas afirmações de demagogos esquerdistas apregoando a existência de plena liberdade religiosa no regime comunista, citando enfaticamente a Rússia como modelo.

Naturalmente só iremos acenar aos principais delineamentos do assunto, por demais complexo, remetendo os interessados em maiores esclarecimentos para os livros que citamos na recensão bibliográfica.

Antes de subir ao poder, os comunistas pregam que a religião é assunto privado. Entretanto, nota Lenine, isto deve ser bem entendido. Seu livro "A Religião" (aliás coleção de artigos) é particularmente esclarecedor desta posição. Os comunistas consideram a religião como questão privada *em relação ao governo*, i. é. o governo deve declarar que a religião é uma questão privada. Mas o Partido Comunista de nenhuma forma é uma questão individual. O marxismo, sendo materialista, é essencialmente ateuista. Sem a luta anti-re-

ligiosa o comunismo seria incompleto, pois a propaganda ateísta é parte integrante e inseparável do marxismo. Pode-se dialéticamente contemporizar, ocultar essa verdade, mas a frase de Marx: "A religião é o ópio do povo" é a pedra angular de toda a filosofia marxista em relação à religião. Esse aforismo foi esculpido, após a revolução de outubro de 1917, na parede da fachada fronteira da capela da Virgem de Ibéria, de Moscou.

Senhor do poder, em 1917, o Partido Comunista inicia logo a luta contra a Igreja, considerada "parte integrante" do antigo regime.

Entretanto, a guerra organizada e oficial contra a religião só começa mais tarde (1921), depois de um largo período de preparação dos agentes anti-religiosos.

Essa luta assume vários aspectos, simultânea ou sucessivamente, e, baseando-nos em Timasheff, Kologrivof, Füllöp Miller, podemos enunciá-los da seguinte forma: a) violência direta; b) interferência na vida eclesiástica; c) educação anti-religiosa; d) propaganda anti-religiosa; e) revolucionamento do cotidiano; f) ateísmo pacífico fora da Rússia.

a) *Violência direta* (mormente nos períodos 1922-1923; 1929-1930; 1937-1938) com fechamento, à força, de igrejas para transformar esses "focos de ópio" em recintos úteis (marcenarias, clubes comunistas, cinemas etc.); confiscação de sinos, vasos sagrados etc. para convertê-los, igualmente, em objetos úteis; prisão e execução de dezenas de milhares de clérigos e leigos (Kologrivof, *Suma Católica contra os sem-Deus*, pág. 487-490).

b) *Interferência na vida eclesiástica*: 1) despojando as igrejas de meios legais e econômicos; 2) impedindo as comunicações entre as camadas superiores e inferiores da Hierarquia; 3) fomentando a formação de um cisma (a célebre Igreja Viva, submissa inteiramente às prescrições do Partido, que, por ironia da História, por algum tempo, se transformou em Igreja do Estado Ateísta); 4) proibindo as atividades caritativas, culturais, educativas e sociais da Igreja; 5) embaraçando de mil maneiras as atividades religiosas dos fieis.

c) *Educação anti-religiosa* (máxime de 1930 a 1934). Esta é a carta do Comissariado de Instrução pública, dirigida, em novembro de 1934, a todos os diretores das secções regionais, ligadas àquele ministério e destinada a reforçar a ação anti-religiosa nas escolas: "1.º Os professores das secções regionais, departamentais e municipais da instrução pública são obrigados, no decurso das suas excursões de inspeção, a cuidar especialmente de controlar a atividade anti-religiosa, que se faz na escola em ligação com o trabalho escolar ou fora das aulas, e de secundar os mestres de maneira concreta e metódica; 2.º As revistas pedagógicas regionais e departamentais devem fazer conhecer as experiências locais de atividade anti-religiosa na escola e atrair a atenção sobre as que deram melhor resultado; 3.º Inserir-se-á nos manuais escolares regionais um mínimo de matéria anti-religiosa, correspondente à força do livro, e expondo de maneira viva, clara e convincente; 4.º Todas as medidas serão tomadas para que as escolas sejam providas de manuais metódicos de instrução anti-

religiosa para uso dos mestres — edições Moscou, — e de todo o material escolar estabelecido segundo os dados do Commissariado da Instrução Pública e do Conselho Central da União dos sem-Deus militantes; 5.º Far-se-á conhecer às escolas a necessidade de virem em auxílio, com ordem e método, às células escolares da União dos sem-Deus militantes” (Kologrivof, o. c., pág. 485).

d) *Propaganda anti-religiosa*: 1) Imprensa de ateísmo militante (Bezbojnik, Antireligioznik, Bezbojnik ilustrado, Neuland etc...) e centenas de livros anti-religiosos, entre as edições do Estado; 2) Exposições e conferências com projeções. Museus, como o de Moscou, destinado a dar “em algumas horas uma educação anti-religiosa completa” e com uma biblioteca de mais de 30.000 volumes sobre ateísmo; exposições ateístas nos parques de repouso, usinas, empresas, sedes da Juventude Comunista; de 1932 a 1933 o Museu central anti-religioso de Moscou organizou 669 pequenas exposições ambulantes (por ex. um trem que estacionava alguns dias em uma localidade). O Conselho Central da União dos sem-Deus se incumbiu da redação e divulgação de conferências anti-religiosas, acompanhadas de dispositivos para projeções luminosas; 3) Cinema, teatro, rádio a serviço da guerra contra Deus, o inimigo n.º 1 do comunismo; 4) Empréstimo científico anti-religioso. Em 1934 foi permitido a homens de ciência que subscrevessem este empréstimo substituindo a restituição do dinheiro por artigos anti-religiosos “científicos”, para desvencilhar os fiéis dos seus preconceitos religiosos; 5) A fome, como meio de

propaganda. Os ministros da religião foram, em certas épocas, privados de seu cartão de racionamento, a não ser que renegassem a fé. Também se reduziu o clero a uma inferioridade social, equiparando os ministros do culto aos não-trabalhadores e servos da burguesia, privados do direito do voto; 6) Ligas ateístas militantes. Em 1931 a União dos sem-Deus militantes possuía na Rússia 60.000 células com 5 milhões de membros, afora os 1.500.000 meninos sem-Deus. Essas organizações, mormente a Juventude, foram as vanguardas da luta anti-religiosa. As atividades mais satânicas foram empregadas, para destruir, por completo, o reino de Deus na Rússia. Procuraram organizar paródias dos atos religiosos (procissões, missas, festas dos santos), mas sem resultado. Depois empregaram substitutivos vermelhos dos atos religiosos, como diremos adiante, falando do revolucionamento do cotidiano. Será interessante transcrever o plano quinquenal anti-religioso (1932-1937), muito embora alguns comunistas queiram contestar a sua existência, não porém legitimamente como demonstra Kologrivof, na Suma Católica contra os sem-Deus, à pág. 480, nota 185. Damos o resumo das cinco partes do plano: No primeiro ano, — todas as escolas religiosas deverão ser fechadas, e as primeiras medidas serão tomadas para o fechamento das igrejas na capital. No segundo ano, todas as pessoas que têm uma religião deverão ser expulsas das empresas e repartições do Estado. Toda a literatura religiosa será proibida e fabricar-se-ão 150 filmes anti-religiosos, destinados a ser representados em toda a União Soviética.

ca, mormente nas escolas. O terceiro ano será consagrado a aumentar as atividades das células dos sem-Deus e a expulsar da União Soviética todo eclesiástico que recusar renegar seu estado, seja qual for a religião a que pertença. No quarto ano, todas as igrejas, capelas e sinagogas deverão ser entregues ao soviet local, a fim de se poderem transformar em cinema, clube ou outro lugar destinado a passar o tempo inteligentemente. O último ano deverá ser consagrado a consolidar os avanços na frente da luta anti-religiosa. A 1º. de maio de 1937 não deverá restar no território da U. R. S. S. nenhuma casa destinada ao culto, e a própria noção de Deus deverá estar apagada da mente popular". (Kologrivof, o. c., págs. 480-481).

e) *Revolucionamento do cotidiano*. — Em seu livro "Espírito e Fisionomia do Bolchevismo", René Füllöp Miller consagra um magnífico capítulo (págs. 242-292) ao "Revolucionamento do cotidiano". Mostra aí as dificuldades imensas em que esbarraram os comunistas para desarraigar do povo russo, essencialmente religioso, certos hábitos, expressões, costumes intimamente relacionados com a religião, tais como saudações (trocar "spasibo" ou Deus te guarde por "merci"), nomes (dar nomes revolucionários em lugar de nomes de santos), festas de onomástico. As paródias dos atos religiosos (por ex. missa vermelha, procissões de escárnio, Conceição não-Imaculada) não produziram o efeito desejado; ao contrário, mais conseguiram enfastiar o povo do que desviá-lo das velhas tradições, mormente quando relacionadas com fatos importantes da família, como por ocasião dos bati-

zados, casamentos e enterros. Procuram-se, depois, sucedâneos vermelhos para essas ocorrências.

f) *Ateísmo pacífico fora da Rússia*. Enquanto na Rússia tudo se fazia para destruir toda e qualquer religião, as instruções aos chefes comunistas dos países cristãos pormenorizam a maneira de tratar, com tato, a questão religiosa.

Deve-se atrair os católicos a organizações, não oficialmente marxistas, mas apenas sindicalizadas, pacifistas, anti-fascistas ou democrático-progressistas. E' preciso dizer-lhes que os comunistas não são contrários à religião, que sabem apreciar o que há de socialmente bom, de grande e de nobre na religião. Entre os exemplos de ação prática, citam-se estes: "arrastar os católicos a reuniões anti-fascistas cada vez mais frequentemente, de tal sorte que eles estejam mais a miúdo num meio socialista do que num meio católico, e fiquem deslocados, inaptos nas suas obras. Então, a cada reflexão que aí se fizer sobre os seus amigos socialistas ou comunistas, eles terão reações cada vez mais violentas, tanto mais violentas quantas serão de origem passional e não poderão ser estribadas em argumentos racionais. Assim que essa primeira categoria de católicos estiver suficientemente adiantada, trabalhar os outros católicos, servindo-se dos primeiros para atraí-los..." (Kologrivof, o. c., págs. 497-498).

Para conseguir seus fins, todos os meios são legítimos. Porisso Lenine aconselha o propagandista do ateísmo, dando-lhe normas para não cair no anarquismo nem no oportunismo burguês. O anarquista que pregasse a guerra contra Deus, a

todo custo, em qualquer meio e circunstância, prejudicaria a causa ateuista. O marxista sempre deve ser materialista, i. é, ateuista, inimigo da religião, mas deve ser um materialista dialético, que realiza a luta contra a religião, não de um modo abstrato, não em terreno de abstrações puramente teóricas de uma propaganda sempre a mesma, mas de maneira concreta, sobre a base da luta de classe, de acordo com a oportunidade, o ambiente, etc. (Lenine, "A Religião", pág. 70, e Ledit, *La Religione e il Comunismo*, pág. 27-28).

Posteriormente, com a invasão vermelha em países religiosos, os chefes comunistas formaram uma "combinação hipócrita de ateísmo para a Rússia e de amizade para com os cristãos fora do país" (Timasheff, o. c. pág. 165).

* * *

Desconhecendo ou fingindo ignorar esses fatos todos, o famigerado deão de Cantuária, rev. Hewlett Johnson, abusando de sofismas, ainda ousa dizer que a situação religiosa na Rússia é boa, desfrutando sempre, as denominações religiosas, de liberdade, conforme a Constituição da URSS.

E' verdade, sim, que a Constituição da República dos Soviets decretava em 1918: "Para assegurar aos trabalhadores a plena liberdade de consciência, a Igreja é separada do Estado, e a Escola da Igreja, e reconhece-se a todos os cidadãos a liberdade de propaganda religiosa e anti-religiosa".

A liberdade de propaganda religiosa e anti-religiosa, diz Kologrivof, fica afirmada, porém os entraves legais contra a propaganda religiosa, e

mesmo contra a simples prática religiosa são tais, e tais são as facilitações ou excitações mesmo legais relativas à propaganda anti-religiosa, que aparece claramente a vontade absoluta e tenaz de substituir cada vez mais o liberalismo democrático pela ditadura anti-religiosa.

Mais numerosos são os que dizem: Esses fatos dolorosos pertencem ao passado. Hoje a religião goza de ampla liberdade na Rússia. Isso prova que o comunismo só perseguiu a Igreja, enquanto ela foi um fator reacionário. Voltando ao seu posto, como sucede presentemente, não é incomodada pelo governo soviético.

Já demonstramos que o marxismo é teórica e praticamente ateísta, contra toda e qualquer religião.

Entretanto será interessante saber qual a verdadeira situação religiosa na Rússia.

Apesar da perseguição terrível contra todas as formas de religião, a resistência "passiva" dos fiéis foi muito grande, assombrosa até, como o prova a recrudescência da perseguição em 1937 e 1938.

O censo de 1937 incluía uma pergunta quanto à religião, e o governo antecipou uma declaração de seus resultados anti-religiosos. Esse recenseamento não chegou a ser publicado, porque, consoante declaração oficial, foi falsificado pelos trotskistas e contra-revolucionários. Mas, na realidade, os dados eram desconcertantes: 40% da população se declarou crente (metade dos operários nas cidades e dois terços da população dos campos). Chegou-se a julgar inato nos homens e por

isso indestrutível, o sentimento religioso. O censo de 1939 omitiu a pergunta sobre religião.

Se ainda dois quintos da população permanece crente, a Igreja organizada, como tal, muito sofreu e quase desapareceu. Assim mesmo, em 1937, existiam, mantidas a custo de sacrifícios heróicos, 30.000 comunidades religiosas, que passaram a 20.000 depois da perseguição.

Viram e se convenceram os dirigentes comunistas que era muito mais difícil acabar com a religião do que com o capitalismo.

Justamente no ano de 1937, quando almejavam ver desaparecer, por completo, até a ideia de Deus, por ironia da História, precisam os líderes soviéticos dar liberdade à religião.

Quais os motivos determinantes desse fracasso na luta anti-religiosa?

Sempre se atribuiu o fracasso à técnica combativa insatisfatória. Não aos princípios marxistas, que são imutáveis e infalíveis, mas à sua aplicação, que pode variar. Ótimos oportunistas, os marxistas recuam no momento asado, visando uma utilidade imediata, para depois avançar novamente.

A guerra, a aliança com povos democráticos, a necessidade de captar simpatias, etc., orientaram os chefes moscovitas para outra tática.

De 1939 em diante começou-se a dizer que o cristianismo em geral não fora *sempre* e em *todos os seus aspectos* uma força reacionária e anti-revolucionária. Pois, não se podia desconhecer a função social do cristianismo na vida russa. E, depois, não fora o cristianismo primitivo um ver-

dadeiro comunismo? Posteriormente, sim, os capitalistas exploraram, a seu favor, essa religião. E esta passou a ser a interpretação "autêntica" do marxismo.

Reconheceu-se, desta forma, o fracasso da Liga ateísta em não compreender a importância histórica da cristianização da Rússia e da canonização dos heróis nacionais. Por sua vez, o teatro, como pretendia Lenine, não conseguiu substituir a religião. A semana de seis dias falhou. De outro lado, a desorganização moral, favorecida pela liga ateísta, foi prejudicial à ordem social e à organização técnica. Não era possível fechar os olhos para a importância da religião, como guardiã da moral e, por conseguinte, da ordem social.

Acrescente-se a tudo isto o descabro das Ligas ateístas que recrutaram "a escória da sociedade comunista". Guerrearam a religião, mas, em compensação, alastrou-se a crença na magia. Quem não crê em Deus, acredita em feitiço, em amuleto. Quem não observa a lei de Deus, abre todos os diques para as paixões mais impetuosas. O que se pode esperar de uma mocidade que não crê na vida eterna e na justiça divina?

Daí a luta contra a religião redundar num aumento de feiticismo e da mais desbragada imoralidade. E por isso se entende o desespero do líder anti-religioso Jaroslowsky: "É impossível erigir o comunismo numa sociedade, metade da qual crê em Deus e a outra metade no diabo".

APÊNDICE III

EVOLUÇÃO DO COMUNISMO NO BRASIL

Prescindimos da malograda aventura anarquista (1889-1893), iniciada com a aprovação de D. Pedro II, pelo Dr. Giovanni Rossi, nas vizinhanças das localidades de Palmeiras e S. Bárbara, na Província do Paraná. A respeito dessa experiência pode-se consultar "Colônia Cecília" de Afonso Schmidt.

Sabemos também da existência de núcleos anarquistas espanhóis, italianos, portugueses e até nacionais desde antes da guerra de 1914. Atualmente o grupo de comunistas libertários e anarquistas é ponderável.

Interessa-nos, porém, seguir "pari passu" e resumir principalmente o que O. de Carvalho e Sousa refere no seu esplêndido e substancioso trabalho "Evolução do Comunismo no Brasil" (D. N. P. 1939), acompanhando os passos dos agentes de Moscou em nossa Pátria. Bastam-nos, por ora, os fatos de 23 anos de ilegalidade clandestina do Partido Comunista, que servirão de eloquente demonstração da sua impatriótica e sanguinária atuação.

Desde 1921, a época de sua fundação, o Partido Comunista Brasileiro iniciou intenso trabalho, publicando o semanário "A Classe Operária" (proibido pela polícia e, assim mesmo, divulgado

clandestinamente) e agindo através de organizações quase todas camufladas: “Bloco Operário e Camponês”, “Liga contra o Imperialismo”, “Liga contra a guerra”, “Os amigos da URSS”, “Juventude Comunista Brasileira”, “Profintern”, “Socorro Vermelho Brasileiro”.

Assim, disfarçado em “Bloco Operário e Camponês”, concorreu para as eleições de 1927, conseguindo, no Rio, eleger dois vereadores comunistas: os Srs. Minervino de Oliveira e Otávio Brandão. Este último, como a imprensa noticiou, acaba de regressar da Rússia, após longa permanência.

As referidas Ligas destinavam-se a ser instrumento de agitação e a conquistar simpatias pelas ideias comunistas, principalmente entre estudantes e intelectuais, promovendo abaixo-assinados, conferências e comícios, cujas figuras primordiais são exatamente os maiores da propaganda comunista.

Os movimentos revolucionários de 1922 e 1924 e a Coluna Prestes forneceram campo para infiltrações comunistas.

Em 1925, numa reunião do Komintern, deliberou-se criar um “Secretariado especial para a América Latina”, fazendo dele parte o Brasil, com seu grupo revolucionário já filiado à Internacional Comunista.

Grandes somas dispendeu o Komintern para convencer os Partidos Comunistas latino-americanos quanto à sua dependência à III Internacional.

No Brasil, parece, tudo foi mais fácil, pois, ainda em 1925, se traçava vasto plano secreto de propaganda entre estivadores e marinheiros, em

mais de 20 portos brasileiros, inclusive nos portos fluviais do alto Amazonas.

Em 1926, o P. C. B. chegou a adquirir uma semi-legalidade, mas em 1927 proibiu o Parlamento o direito de greve e revolução e o partido tornou-se ilegal.

No ano seguinte, no "Congresso dos Amigos da URSS" estabeleceu-se explorar os sentimentos nacionalistas do povo latino-americano, procurando incentivar o ódio contra o imperialismo iânqui e britânico e considerando semi-coloniais os países da América Latina.

Especial interesse começou a demonstrar, desde 1926-1927, a imprensa soviética pelo nosso continente, particularmente pelo Brasil, apontando as possibilidades do comunismo e de sua propaganda entre nós.

Em 1928, o Komintern intensifica sua influência no Brasil que foi visitado por Humbert Droz, líder comunista suíço e técnico de propaganda moscovita.

De fato, no ano seguinte, na "Conferência Sindical Rubra", realizada em Montevideu, constituiu-se um "Comité Sindical Permanente" e criaram-se no Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru e Uruguai várias centrais sindicais, baseadas no princípio da luta de classes.

O Congresso forneceu diretrizes adequadas e mais concretas para a propaganda nos diversos setores latino-americanos (exército, armada, centros agrícolas, operários, intelectuais, religiosos, femininos, estudantes, etc.), normas essas que lograram resultado.

Em 1930, o Comité Executivo da Internacional Comunista lançava teses e projetos para o movimento revolucionário na América Latina, ordenando tomar parte em *todo* movimento revolucionário, ainda que promovido pela pequena burguesia, devendo, porém, se esforçar para entregar, a seguir, a direção ao Partido Comunista.

Nesse ano, então em Montevidéu, Luís Carlos Prestes se declarou públicamente comunista, ganhando, com essa adesão, grande incremento o comunismo no Brasil. Prestes dirigiu um manifesto “ao proletariado explorado nas cidades e aos trabalhadores oprimidos nas fazendas”.

Jorge Amado em “Vida de Luís Carlos Prestes” atesta que Getúlio Vargas enviara a Prestes mil contos, subtraídos dos cofres públicos do Rio Grande do Sul, pensando obter o seu apoio à revolução. Esse dinheiro foi, conforme confessou Prestes, utilizado mais tarde para financiar a Aliança Nacional Libertadora.

Com a vitória da revolução de 30, Prestes poderia aproveitar a anistia (tinha desertado do Exército), mas rejeitou esse benefício. Preferiu partir para sua nova “pátria”, a Rússia, “da qual é cidadão”, no dizer de José Américo de Almeida (apud Pedro Luís, “A Agonia do Comunismo”, pág. 159).

De 1930 a 1932 a propaganda comunista no Brasil foi tomando novo impulso e os Partidos Comunistas do continente americano foram adquirindo “melhor disciplina e mentalidade revolucionária”.

Em 1932 a III Internacional reorganiza seu

plano de ação no continente latino-americano, que figurou no plano mundial dos Soviets como as regiões 7, 8 e 9, pertencendo a esta última o Brasil, o Chile, o Peru e a Bolívia e tendo como sede principal o Rio de Janeiro.

O Partido Comunista se tornava mais fêrreamente uma secção do Komintern, devendo suas ordens ser obedecidas sem discussão, sendo severamente castigados os infratores com a exclusão do Partido ou até a pena de morte.

O Komintern esforçou-se, sem resultado, em 1933, para reatar as relações comerciais entre a URSS e o Brasil. Entretanto, sob pretextos comerciais, vários emissários de Moscou foram enviados ao nosso país, mormente ao Rio Grande do Sul, cujas fronteiras com o Uruguai (graças à representação diplomática soviética) lhes permitia fácil acesso.

Em 1934, desdobraram-se os moscovitas em esforços para reatar as relações comerciais, sob pretexto de grandes fornecimentos de carne à URSS.

Entrementes, melhora a situação do Partido Comunista. Enquanto em 1928 contava apenas 500 membros, concentrados no Rio, São Paulo, Recife, em 1933 "mediante uma eficiente autocritica de seus erros, conseguiu o P. C. francos progressos, e, após o Congresso dos PP. CC. latino-americanos, em 1934, o P. C. B. criou uma direção central, composta, em sua maioria, de operários; conseguiu reforçar a ligação com a massa, e dirigiu mais de 60% das greves que irromperam então". Vangloriaram-se os representantes do P. C. B. do traba-

lho de penetração comunista no seio dos sindicatos dos Estados e da organização da oposição sindical. Em fins de 1934, possuía o Partido 5.000 membros, e só no Rio existiam 35 células de empresa. Com a intensificação do trabalho pela "frente única sindical", cujas diretrizes foram lançadas no Congresso da União Sindical (Maio de 1935), reunido por iniciativa do P. C., afirma o camara-da Marques terem conseguido englobar 500.000 trabalhadores.

No VII Congresso do Komintern (1935), passou-se à tática da "Frente Única" e da "Frente Popular", movimentos organizados sob designações variadas, sob a direção comunista, e congregando os descontentes de todos os partidos.

O Brasil foi o país que na América do Sul, segundo o conceito do Komintern, melhor realizou a tática da "Frente Popular" pela criação da Aliança Nacional Libertadora, celebrada entusiasticamente por Moscou, sua imprensa local e no exterior. A A. N. L. foi apontada aos partidos comunistas da América Latina como exemplo digno de imitação.

Assim se expressou no referido Congresso, o holandês Van de Min, membro do Comité Executivo do Komintern: "Devo expor a todos os camaradas que se interessam pelo desenvolvimento e expansão do comunismo na América Meridional, que no Brasil já existe uma ampla e bem organizada Associação, denominada "Aliança Nacional Libertadora", e da qual já participa um grande número de oficiais e soldados do Exército e da Marinha Brasileira. Essa aliança foi criada sob a

orientação secreta, mas direta, do Partido Comunista Brasileiro, segundo as instruções confidenciais recebidas da Legação Soviética em Montevideu. Essa aliança segue cegamente as ordens do nosso bravo camarada Prestes, que foi, em numerosos comícios públicos, realizados no Brasil, aclamado como seu chefe absoluto e presidente de honra". (Apud Pedro Luís, o. c., págs. 171-172)

Nesse mesmo congresso, Prestes foi eleito um dos 15 cabeças dirigentes do proletariado mundial, ao lado de Stálin, Dimitroff, Thorez, Browder. O "Pravda" elogia Prestes como "o herói do povo brasileiro..." pois é o agente n.º 35 da Internacional Comunista para o continente sul-americano (Pedro Luís, o. c., pág. 170).

Resolvendo incrementar a ação comunista no Brasil, o Komintern criou no Rio de Janeiro um "centro local" ou "residência", com jurisdição no Brasil, Chile, Peru e Bolívia. "Residência" é o órgão de fiscalização da ação dos Partidos Comunistas, mormente nos países considerados atrasados (coloniais ou semi-coloniais), para defender a "pureza da doutrina" e evitar as acomodações políticas.

"Residentes" são indivíduos de plena confiança do Komintern, que lhes concede importante subvenção para que possam "conquistar amigos" em todas as camadas sociais, atraindo descontentes de todas as classes. O "residente" apresenta-se, geralmente, como representante de uma firma comercial ou como comerciante. Nos países que reconhecem a URSS o "residente" faz parte da embaixada ou de uma missão comercial, para ter maior li-

berdade de ação. No Brasil, então, o "residente" era Harry Berger, aliás, Artur Ernst Ewert, alemão, deputado ao Reichstag, em 1928.

O "residente" deve estabelecer ligações úteis com os membros das repartições governamentais ou municipais, Bancos, empresas comerciais importantes, políticos, etc. Deve possuir um apartamento secreto para reunião dos seus auxiliares (comunistas, agentes secretos) num bairro distante de sua moradia, e deve ter uma lista de endereços para remessa de correspondência, tendo em vista uma eventual perseguição da polícia.

O "residente" organizará uma rede de agentes secretos, independentemente da secção local (o partido comunista nacional). Não haverá intercomunicação entre as duas classes de agentes secretos que se desconhecem, que se vigiam mutuamente e que mandam separadamente seus relatórios a Moscou, o que permite à "Casa Central" verificar a veracidade das informações contidas em ambos, mediante a comparação entre os mesmos.

Berger era, portanto, o "plenipotenciário dos Soviets" no Brasil, embora Prestes fosse o instrumento de que se serviriam os chefes moscovitas para tentar implantar o regime soviético no Brasil, no golpe que devia ser desferido, para o Brasil ficar "incorporado" à URSS.

Interessante advertir a importância que o Kominintern atribui ao elemento feminino para o trabalho de espionagem. Assim Maria Bergner Vilar (aliás Olga Benário), companheira de Prestes, exercera a espionagem militar na Alemanha, co-

mo agente da G. P. U. Elisa Saborowsky Ewert, mulher de Harry Berger, era antiga Tchekista.

Maria Bergner Vilar foi, sem dúvida, enviada para fiscalizar a ação de Prestes, mas além dos laços revolucionários, outros de ordem sentimental sobrevieram, tendo sido estes severamente criticados pelos chefes moscovitas, decaindo imediatamente o alto prestígio que com eles desfrutava Maria Bergner Vilar.

Diante do incremento do movimento grevista e da propaganda comunista, o governo solicitou à Assembleia Legislativa a votação da "Lei de Segurança Nacional", que, após cerrada discussão, foi aprovada (lei n.º 38 de 4.4.1935 e n.º 136 de 14.10.1935).

No "meeting" da Aliança Nacional Libertadora, de 13 de Maio de 1935, foi lida uma carta enviada de Barcelona por Luís Carlos Prestes, já membro ativo do Komintern e Presidente da Aliança, convidando os membros da A. N. L. a "passar rapidamente da agitação para a ação". Jorge Amado dá a entender que nessa época Prestes já se encontrava no Brasil, embora somente pouquíssimas pessoas soubessem disso.

A 5 de Julho divulgava-se um manifesto revolucionário de Prestes. Por decreto n.º 229 de 11 de Julho de 1935, foi ordenado o fechamento, em todo o território nacional, dos núcleos da A. N. L., que passaram a funcionar clandestinamente.

Nas vésperas da revolução de 1935 foram dadas ordens para estudantes, mulheres, operários, marítimos, etc., principalmente para "fomentarem as greves e descontentamentos entre os pequenos

proprietários". A revolução que deveria irromper, segundo se comunicava aos maioriais, não seria ainda uma revolução soviética, pois assustaria as massas, ainda não preparadas para isso, e deveria contar com o auxílio dos pequenos burgueses. Dessa revolução, o P. C. B. ganharia legalidade e, posteriormente, influência e autoridade.

Em 24 de Novembro de 1935, irrompeu em Natal, Olinda e Recife um movimento de carácter nitidamente comunista, organizado por soldados e inferiores de batalhões ali aquartelados e com a colaboração de elementos civis extremistas. Prontamente dominada a insurreição em Olinda, o mesmo ocorreu em Recife no dia 26 de Novembro.

Na madrugada de 27, às ordens de Luís Carlos Prestes, sublevaram-se no Rio elementos da Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos, e do 3.º Regimento de Infantaria, aquartelado na Praia Vermelha. Combatido pelas forças legais, o movimento da Escola de Aviação foi prontamente sufocado, e o do 3.º Regimento de Infantaria durou apenas algumas horas.

Em Natal, constituiu-se uma Junta Governativa comunista, composta dos extremistas José Macedo, João Batista Galvão e Lauro Lago: — um sapateiro, um chefe de música e um músico militar. Depois de saquearem diversos bancos e casas comerciais, os membros da Junta fugiram num avião da Condor, enquanto cerca de 500 amotinados se refugiavam a bordo do navio mercante "Santos" que, em virtude das rápidas medidas tomadas pelas autoridades, não chegou a zarpar de Natal. Pouco depois, eram presos, no Muni-

cípio de Canguaretama, os três membros da Junta Governativa.

Estava, pois, restabelecida a paz em todo o território nacional. Sanguinária fora a aventura comunista, mas felizmente rápida, devido à intervenção enérgica das forças legais.

Os amotinados não obtiveram a adesão do Exército, que os combateu e venceu, nem do operariado, ou de outras classes sociais, pois toda a população civil assistiu ao movimento revolucionário sem a menor simpatia e até mesmo com evidente irritação contra o mesmo.

Desse movimento restam-nos preciosas lições que jamais poderemos esquecer.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma invasão estrangeira de fato, senão de direito. Aparentemente o maior responsável pela subversão era o Sr. Luís Carlos Prestes, elemento simbólico para suggestionar as massas nacionalistas. Mas, na realidade, os inspiradores, conselheiros, técnicos que dirigiram a "libertação" do Brasil eram estrangeiros, homens inteligentes, audaciosos e sem escrúpulos, como Harry Berger, Leon Jules Vallée, Rodolfo Ghioldi, cedidos pela Internacional Comunista para prestarem bons serviços à URSS em terras brasileiras, como já o haviam feito alhures.

Todos eles aportaram ao Brasil munidos de passaportes falsos, disfarçados em agentes comerciais ou industriais. O próprio Prestes aqui entrou como súbdito português, sob o falso nome de António Vilar, munido de um passaporte que lhe fora fornecido pelo Consulado de Portugal em Marselha, perante o qual declarara ser represen-

tante de uma fábrica de maquinária e outra de produtos químicos.

Grandes somas financeiras inverteu a Internacional Comunista para essas agitações, constantes viagens e custosos meios de locomoção de seus agentes de ligação, para favorecer sua existência confortável, sem falar nos preços dos emissários, trabalhos de espionagem e outros fatores.

Em poucos dias e até em poucas horas de aventura comunista, o Brasil assistiu aos atos mais degradantes.

“No Quartel da Polícia, em Natal, encontrava-se, enfermo, um soldado, o de n.º 57. Quando os revoltosos tomaram o edifício, ele protestou com energia. Cortaram-lhe, com violento golpe de sabre, o ventre. O soldado apoiou a mão direita sobre a ferida, depois sobre a folha de uma porta, junto à qual expirou. Ali se gravou o sinal sangrento da mão do valente miliciano, prova de um heroísmo superior à morte” (A Noite Ilustrada, 4.12.45). Somente na agência do Banco do Brasil os comunistas roubaram 2.944 contos. Apoderaram-se da imprensa católica, transformando-a em órgão da A. N. L., com os infalíveis sinais da foice e do martelo.

No 3.º Regimento de Infantaria do Rio foi friamente assassinado, por não se conformar com o movimento, o comandante do 3.º batalhão dessa unidade, o major Misael Mendonça; na Escola de Aviação, o capitão Armando de Sousa Melo e os tenentes Danilo Paladini e Benedito Lopes Bragança. Outros muitos deram a sua vida defendendo a honra e a dignidade do Brasil.

Nunca, diz o Gen. V. Benício da Silva, o Exército Brasileiro sofreu tamanha vergonha, tão inqualificável afronta. E' que assassinos fardados destruíram a vida de seus colegas adormecidos. Mas o exército Brasileiro repeliu com asco a afronta que lhe lançaram indivíduos desclassificados, indignos do uniforme que enxovalharam e deneigraram" (Gen. V. Benício da Silva, em "Em Guarda!" pág. 200).

As causas da derrota do movimento de 1935 foram meticulosamente estudadas pelo Komintern, que a atribuiu aos seguintes fatores: a) precipitação do movimento, não suficientemente maduro; b) falta e lentidão de comunicações por deficiência de rádio; c) falta de contacto com a massa e de adesão do proletariado; d) sectarismo, isto é, "não souberam os comunistas mostrar-se sensatos nacionais libertadores, sendo, antes de tudo, comunistas".

Entre os documentos apreendidos pela polícia há um interessante "Projeto de Constituição para o Brasil", no qual figura a abolição da propriedade privada da terra e de todos os seus bens, que ficariam sob a base socialista da posse imediata às populações reunidas em comunas de habitações, consumo e produção. O art. XVI estatui na letra g) a liberdade das uniões sexuais. O art. XIX afirma o não reconhecimento das igrejas e das confissões religiosas. Os últimos artigos do projeto tratam da organização da *ditadura do proletariado*. O último artigo declara ser o "Canto da Internacional dos Trabalhadores" o hino nacional, e ser igual à atual a bandeira brasileira, "substituída a

esfera central por outra vermelha com as inscrições em preto: "Pelo Brasil Comunista", em cima, e, em baixo: "Pela Revolução Internacional", evocando sempre o carácter internacionalista, inerente ao comunismo.

Certamente Prestes e Berger, por medida tática, não aprovaram inteiramente esse projeto um tanto sectário.

Jugulado o movimento de Novembro, e aprisionados Berger, Ghioldi, Miranda e outros, nem por isso esmoreceram os extremistas, em busca de novos métodos e nova tática, "sem nenhuma preocupação doutrinária aparente, para alcançar objetivos imediatos", como disse Prestes.

"Enquanto as prisões se enchem, Prestes reorganiza os quadros revolucionários, refaz as ligações, prepara novamente soldados, oficiais e povo para marcharem contra o governo..." (Jorge Amado, o. c., pág. 256). Finalmente depois de inúmeras investigações, a 5 de Março de 1936, Prestes é preso juntamente com sua companheira Olga. Diante do delegado e do Procurador Criminal, assume toda a responsabilidade não só pelo manifesto de 5 de Julho da A. N. L., como "a inteira responsabilidade política" do movimento revolucionário de Novembro, tanto no Rio, como no Nordeste (J. Amado, o. c., pág. 276). Foi condenado a 16 anos e 8 meses, mas, posteriormente, sua pena foi acrescida de mais 30 anos, por ser o mandante do estrangulamento da menor Elza Fernandes (v. "fac-simile" da carta de Prestes em Pedro Lafaiete, "Os crimes do Partido Comunista", pág. 32).

Nessa época a palavra de ordem era "Frente Popular Democrática". Transferiu-se a direção política do movimento para São Paulo, sob a chefia de Vallée.

Nas eleições presidenciais (1937), tendo sido apresentados três candidatos: Dr. José Américo de Almeida, Dr. Armando Sales de Oliveira e Plínio Salgado, os comunistas receberam ordens de se alistarem indistintamente nas fileiras dos dois primeiros candidatos, preferindo o maior número deles a candidatura José Américo. Pensaram antes os comunistas na possibilidade de lançarem um candidato próprio, não como comunista mas como "candidato do povo" e este seria o Dr. Pedro Ernesto. Diante da inviabilidade da vitória, preferiram entrar nas hostes já citadas, incitando os três candidatos a uma luta acérrima, porque "qualquer revolução lhes seria de suma utilidade".

Aliás, essa tática de jogar uns contra os outros é inerente à dialética marxista. O Sr. Artur Leite de Barros, Secretário de Segurança Pública de São Paulo, em declaração à imprensa após a intentona comunista, declarou que, depois de 1930, em vista dos fracassos anteriores, a Internacional Comunista recomendara ao Brasil o seguinte plano de ação: a) campanha separatista em São Paulo; b) campanha anti-separatista no Rio; c) campanha de ódio no Norte contra os filhos do Sul; d) agitação das reivindicações dos sargentos, sub-oficiais e bancários.

Sempre a filosofia do ódio, da dissensão, das greves, dos descontentamentos. Para Augusto Machado, por ex., em seu "Caminho da Revolução

Operária e Camponesa”, o que importa fazer é “agravar a crise (desenvolvendo as lutas proletárias), radicalizar as massas ministrando-lhes os ensinamentos marxistas, desencadear lutas, greves parciais e gerais, educar-se e fortificar-se a si mesmo. A revolução surgirá como corolário (pág. 143).

Esse livro, como outros muitos no mesmo espírito revolucionário, são produtos da famigerada Editora Calvino, que merece lugar de destaque na luta subversiva para a implantação do comunismo no Brasil.

Voltemos, porém, ao ano de 1937. Agravando-se os acontecimentos, por novo e planejado “complot” comunista, foi solicitada a 1.º de Outubro novamente à Câmara, e autorizada, a declaração de Estado de guerra.

Pelo golpe de Estado de 10 de Novembro de 1937 era dissolvida a Câmara. Após esse golpe, Moscou intensificou sua propaganda contra o Brasil.

A propaganda comunista passou a se fazer em torno da “luta pela democracia contra o fascismo”.

Durante a última guerra também os comunistas brasileiros passaram por duas fases. De início, no período colaboracionista com a Alemanha (1939-1941), foram violentamente contra os aliados, dirigindo o Sr. Jorge Amado o órgão nazista “O Meio Dia”. Verificada a invasão alemã da Rússia, mudaram de campo. Tornaram-se democráticos e nacionalistas. Não era essa a nova tática com a “dissolução” (!) da III Internacional Comunista?

Pululam, então, organizações simpatizantes ou camufladas do comunismo. Reorganiza-se a Socie-

dade Amigos da América, presidida pelo general Manuel Rabelo. “Dois organismos vivazes de projeção pública — a Liga de Defesa Nacional e a União Nacional de Estudantes — caíram logo sob sua (comunista) orientação.” (Roberto Dutra, “O Comunismo contra o Brasil”, pág. 30).

Os comunistas e suas organizações satélites tudo empreendem para obter a anistia, com a libertação do “Cavaleiro da Esperança”.

Jorge Amado escreveu seu livro político “Vida de Luís Carlos Prestes”, visando obter anistia para seu chefe idolatrado.

“Em Agosto de 1943, reúne-se a conferência da Mantiqueira, em que 43 remanescentes do partido, arranchados numa “humilde tapera”, para escapar à Polícia como disse a “Tribuna Popular”, mas ao que consta luxuosamente instalados no elegante “Clube dos Duzentos”, fundam a CNOP (Comissão Nacional de Organização Provisória). Pouco depois, o indulto de alguns líderes condenados é acompanhado de misteriosas confabulações entabuladas no sentido de reerguimento do partido, mediante certas concessões, agora já conhecidas”. (Roberto Dutra, o. c., pág. 30).

E a anistia veio, generosa, em Abril de 1945. Abrem-se as prisões, apesar de tudo também para o Sr. Luís Carlos Prestes.

Por incrível que pareça, pouco tempo depois de ter deixado a célula penitenciária, assombrosamente já multimilionário, Prestes é um dos senadores da República Brasileira... o senador do povo, dos proletários! Seu partido ganhou “legalidade”, para assim, abertamente, pregar a sub-

missão total antes à Rússia que ao Brasil, insuflar greves, etc., etc.

Felizmente, ainda há no Brasil um Exército, cômico de sua dignidade e guarda vigilante das tradições gloriosas da Nação. Esse Exército conhece a história do comunismo no Brasil e sabe quem é o seu chefe. Por isso foi contrário à reversão do ex-capitão Luís Carlos Prestes e de outros oficiais comunistas ao serviço ativo do Exército.

O parecer da Comissão de Reversão dos Oficiais Anistiados vale por uma lição dada a todo o Brasil e merece ser transcrito na íntegra: "O autor deste requerimento, Sr. Luís Carlos Prestes, atualmente senador da República, é o principal responsável pelo levante comunista irrompido nesta capital e no norte do país em 1935. Por esse motivo, foi preso em 5 de Março de 1936, e condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional. Foi ainda condenado por mais 30 anos como autor intelectual do assassinio de Elza Copelo. Atualmente é o secretário do Partido Comunista Brasileiro. Diversas razões impedem de julgar conveniente o retorno do requerente às fileiras do Exército:

"Razões morais: — o exército vem se manifestando por atos e palavras contra a ideologia comunista, como perigosa à ordem pública, aos nossos hábitos de família, à liberdade individual e à democracia professada pelo povo brasileiro. Por outro lado, todos os anos prestamos justa homenagem à memória dos camaradas que tombaram no cumprimento de seus deveres na noite fatídica de 27 de Novembro, vítimas que foram desses que hoje desejam reverter às fileiras do nosso exército.

Razões profissionais: — O Sr. Luís Carlos Prestes passou muitos anos fora das atividades militares. Já está idoso para rever os assuntos profissionais. E' de supor, portanto, que o seu regresso ao Exército será inconveniente, por ineficiente e incapaz de qualquer atividade útil, como oficial, tanto mais que os variados assuntos da profissão cresceram de complexidade em face dos ensinamentos da última guerra.

Razões patrióticas: — Outro argumento indestrutível e de real importância diz respeito à declaração do requerente em plena Constituinte, e repetida em reuniões dos seus partidários, qual a de que não pegaria em armas contra a Rússia, no caso de o Brasil envolver-se em guerra contra essa potência. Um soldado não pode expressar-se dessa maneira, sob pena de passar por traidor. Um oficial que esposa tal ideia, quando nas fileiras, é capaz de atos de espionagem e de sabotagem. Trata-se, portanto, de um indivíduo sem moral e indesejável numa corporação destinada à defesa da pátria. Estas razões e baseados no artigo 2.º de decreto-lei 7.747, de 18 de Abril de 1945, obrigam-nos a dar parecer contrário à reversão do requerente”.

Devido aos pareceres da Comissão de Reversão dos Oficiais Anistiados, o Ministro da Guerra indeferiu ainda os requerimentos dos seguintes oficiais reformados, pedindo a sua reversão ao serviço ativo: coronel Jerônimo Ferreira Romariz, capitão Agildo Câmara Barata Ribeiro, capitão Alvaro Batista de Sousa, 2.º tenente da Infantaria

Francisco Antônio Leivas Otero, 2.º tenente da Infantaria José Guitman e capitão Silo Furtado Soares de Meireles (Pedro Luís, o. c., pág. 162).

Terminando esta rápida visão panorâmica do comunismo em nossa Pátria, formulamos votos para que, dentro em breve, surja uma ampla, serena e bem documentada História do Comunismo no Brasil. Assim os brasileiros sinceros terão motivos, não apenas ideológicos, mas também patrióticos para repudiar o comunismo e repelir a invasão vermelha.

BIBLIOGRAFIA

Sòmente referimos obras relacionadas com os temas estudados neste trabalho.

Albano, I., A U. R. S. S. do Deão. — Edição do Autor, Rio.

Amado, Jorge, Vida de Luís Carlos Prestes. — Livraria Martins Editora, S. Paulo, 4.^a ed.

Antoine, Ch., Cours d'Economie Sociale. — Libr. Felix Alcan, Paris, 1921.

Ataide, Tristão, Preparação à Sociologia. — Ed. Getúlio Costa, Rio.

Atria, El Marxismo. — Ed. Difusión, Buenos Aires.

Beja, Fino, Civilização e Comunismo. — Livr. Popular Francisco Franco, Lisboa, 1938.

Berdiaeff, N., El Cristianismo y el Problema del Comunismo. — Espasa Calpe, Buenos Aires, 1943.

Biblioteca Militar, Em guarda! (Contra o comunismo). — Imprensa do Estado Maior do Exército, Rio, 1937.

Bukarin, A. B. C. do Comunismo. — Ed. Assunção Ltda., São Paulo.

Bukarin e Sherwood, A Luta Religiosa na U. R. S. S. — Alba, Rio.

Cabral, J., A Miragem Soviética. — Vozes de Petrópolis, 1933.

Cathrein, V., Impossibilidade do Socialismo. — Livr. Povoense, Póvoa de Varzim, 1904.

Cathrein, V., Filosofia Morale (2 vols.). — Libr. Editrice Fiorentina, Florença, 1920.

Cathrein, V., Philosophia Moralis. — Herder, Friburgo, 1915 (tradução da parte referente ao comunismo em Tiago Sinibaldi, Elementos de Filosofia. — Roma, 1916, no 2.^o vol., pág. 722).

Croidys, Pierre, O Império dos sem-Deus. — Livr. Bertrand, Lisboa.

- Diniz, Almachio, *Preparação Socialista do Brasil*. — Calvino Filho, Rio.
- Duncker, H. Goldschmidt, Wittfogel, *História do Movimento Operário Internacional*. — Alba, Rio.
- Engels, *Anti-Düring*. — Ed. Calvino Ltda, Rio, 1945.
- Fallon, V., *Principii di Economia Sociale*. — Marietti, Turim, 1926.
- Falcão, Valdemar, *Contra o Comunismo anti-cristão*. — Irmãos Pongetti, Rio, 1938.
- Fonseca, Gondim, *O Bolchevismo*. — Livr. José Olímpio, Rio, 1935.
- Gueorguievsky, Smirnov, C. Nicolai, *A Verdade sobre a Religião na Rússia*. — Ed. Calvino Ltda., Rio, 1944.
- Gurian, *Il Bolscevismo*. — Vita e Pensiero, Milão, 1933.
- Iudin y Rosental, *Nuevo Diccionario Filosófico de la U. R. S. S.* — Ediciones Pueblos Unidos, Montevideú, 1944.
- Johnson, Hewlett, *O Poder Soviético*. — Ed. Calvino Ltda., Rio.
- Johnson, Hewlett, *O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*. — Ed. Calvino Ltda., Rio, 1943.
- Kologrivof, Ivan, *Ensaio de Suma Católica contra os sem-Deus*. — Livr. José Olímpio, Rio, 1939.
- Lafayette, Pedro, *Os crimes do Partido Comunista*. — Ed. Moderna, Rio, 1946.
- Ledit, J., *La Religione e il Comunismo*. — Vita e Pensiero, Milão, 1937.
- Lenine, V. J. *A religião*. — Atlântida Editora, Rio, 1934.
- Lenine, V. J. *Karl Marx*. — Minha Livraria, Rio.
- Llambia, Hector, *La Dialética Comunista y el Concepto de la Libertad*. — Gladium, Buenos Aires, 1938.
- Luis Pedro, *A agonia do Comunismo*. — Edição do Autor, S. Paulo, 1946.
- Machado, Augusto, *A caminho da Revolução Operária e Camponesa*. — Calvino Filho Ed., Rio, 1934.
- Malatesta, Enrico, *Comunismo Libertário*. — Minha Livraria, Rio, 1934.
- Max Beer, Carlos Marx, *sua vida e sua obra. Com um resumo do Capital*. — Ed. Calvino Ltda. Rio, 1944.

- Max Beer, História do Socialismo e das lutas sociais (2 vols.). — Ed. Calvino Ltda., Rio, 1944.
- Marx, Karl, El Capital (5 vols.). — Ediciones Frente Cultural, México.
- Miller, René Füllöp, Espírito e Fisionomia do Bolchevismo. Livr. do Globo, Porto Alegre, 1935.
- Morsky, Lenine: Sua Vida e sua Obra. — Ed. Calvino Ltda., 1944.
- Morais, A., Capital e Trabalho. — Vozes de Petrópolis, 1938.
- Pio XI, Sobre o Comunismo Ateu. — Editora Vozes, Petrópolis.
- Ribeiro, Sousa, A Questão Religiosa na Rússia. — O Clarim, Matão, 1935.
- Rolim, J., O Comunismo (2 vols.). — União Gráfica, Lisboa, 1944.
- Schmidt, A., Colônia Cecília. — Ed. Anchieta, S. Paulo, 2.^a ed. 1942.
- Scheglov, História da Filosofia. — Editorial Vitória, Rio, 1945.
- Shirokov, M., Tratado Sistemático de Filosofia. — Ed. Frente Cultural, México, 1943.
- Sousa, O. de Carvalho. Evolução do Comunismo no Brasil. — D. N. P., Rio, 1939.
- Timasheff, N. S., A Religião na Rússia Soviética. — Stella Ed., Rio.
- Zetkin, Clara, Meus encontros com Lenine. — Calvino Filho, Rio, 1934.
- White, W. L., Impressões sobre os Russos. — Ed. Cúpulo Ltda. — S. Paulo, 1945.

INDICE

Prefácio	5
Introdução	7
Cap. I — Precusores do Comunismo na História da Filosofia	9
Cap. II — Karl Marx	19
Cap. III — O Materialismo Dialético	26
Cap. IV — O Materialismo Histórico	33
Cap. V — Teoria do Valor e do Lucro	40
Cap. VI — Crítica da Concepção Materialista da História (I)	47
Cap. VII — Crítica da Concepção Materialista da História (II)	61
Cap. VIII — Crítica da Teoria de Mais-Valia	67
Cap. IX — Inviabilidade do Comunismo.....	71
Cap. X — Algumas objeções comunistas.....	81
Conclusão	84
Apêndice I — A Filosofia e o Comunismo	86
Apêndice II — A Religião na U.R.S.S.	94
Apêndice III — Evolução do Comunismo no Brasil	105
Bibliografia	125

BIBLIOTECA DE CULTURA CATÓLICA

- VOL. 1 — INTRODUÇÃO A SUMA TEOLÓGICA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO,**
por Monsenhor Martinho Grabmann.
- VOL. 2 — FORMAÇÃO DE ESTAGIARIOS NA AÇÃO CATÓLICA,**
pelo Pe. Agnelo Rossi.
- VOL. 3 — CRISTO NO PROTESTANTISMO,**
por J. Keulers.
- VOL. 4 — A SANTIDADE CATÓLICA,**
pelo Pe. Raul Plus S. J.
- VOL. 5 — O MÉDICO CATÓLICO,**
por C. Zawisch.
- VOL. 6 — FORMAÇÃO PARA O SACERDÓCIO,**
por Fr. Paulo de Santa Maria.
- VOL. 7 — A DOCTRINA DE FREUD,**
pelo Pe. A. de Almeida Moraes Júnior.
- VOL. 8 — FUNDAMENTO BÍBLICO E DOGMÁTICO DA AÇÃO CATÓLICA,**
pelo Pe. José Will S. J.
- VOL. 9 — OS PROBLEMAS DE AÇÃO CATÓLICA,**
pelo Pe. José Will S. J.
- VOL. 10 — A FILOSOFIA DA CULTURA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO,**
por Monsenhor Martinho Grabmann
- VOL. 11 — JOÃO DUNS SCOT, DOUTOR DOS TEMPOS NOVOS,**
por Béraud de Saint-Maurice
- VOL. 12 — O CORPO MÍSTICO DE CRISTO E A AÇÃO CATÓLICA,**
pelo Pe. S. Tromp, S. J.
- VOL. 13 — A FILOSOFIA DO COMUNISMO,**
pelo Pe. Agnelo Rossi.
- VOL. 14 — AS TÉCNICAS DA PESQUISA SOCIAL,**
por Francisco de Paula Ferreira.
- VOL. 15 — FILOSOFIA DA LIBERDADE,**
pelo Pe. Antônio d'Almeida Moraes Jr.
- VOL. 16 — CAPITAL E TRABALHO,**
pelo Pe. Antônio d'Almeida Moraes Jr.

Palavra telegráfica deste volume (Fabre) Broch.